

POÉTICAS DE UM TEMPO PANDÊMICO:

TRAJETÓRIAS, POSSIBILIDADES E
EXPERIÊNCIAS NO ENSINO DE ARTE

Organizador: Fernando Freitas dos Santos

POÉTICAS DE UM TEMPO PANDÊMICO:

TRAJETÓRIAS, POSSIBILIDADES E
EXPERIÊNCIAS NO ENSINO DE ARTE

Organizador: Fernando Freitas dos Santos

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Natália Sandrini de Azevedo

Daphynny Pamplona

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Edição de arte da capa

Natália de Assis Dias

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Poéticas de um tempo pandêmico: trajetórias, possibilidades e experiências
no ensino de arte

Diagramação: Daphynny Pamplona
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Indexação: Gabriel Motomu Teshima
Revisão: Suely Pereira do Nascimento Batalha
Organizador: Fernando Freitas dos Santos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R543 Poéticas de um tempo pandêmico: trajetórias,
possibilidades e experiências no ensino de arte /
Organizador Fernando Freitas dos Santos. – Ponta
Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-607-9

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.079212010>

1. Ensino de arte. 2. Experiência em arte. 3. Contexto
escolar. I. Santos, Fernando Freitas dos (Organizador). II.
Título.

CDD 707

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

APRESENTAÇÃO

Este livro reúne relatos de experiências dos professores de Arte da Escola em Tempo Integral Professora Ana Lúcia de Oliveira Batista, consiste em um trabalho educativo fecundo e inventivo, trilhado através da arte, no contexto da pandemia mundial, provocada pela COVID-19, o qual se fez necessário medidas restritivas como o isolamento social, o ensino remoto nas escolas.

A Arte na Escola faz parte da área de conhecimento em Ambientes de Aprendizagem Integradores. Contempla as linguagens das Artes Visuais, Música, Teatro e Dança tratadas nas suas especificidades, promovem também profícuos diálogos poéticos interdisciplinares.

Os textos dos professores pesquisadores propositores revelam uma prática pedagógica reflexiva sobre os problemas percebidos no contexto social vivido e a busca por alternativas para driblar a falta do contato presencial com o educando, tão importante no ensino de arte. Neste sentido, os educadores trilharam seus próprios caminhos e reelaboraram suas ações no ensino/aprendizagem da Arte, produzindo material impresso e audiovisual, prezando principalmente pela qualidade dos conhecimentos artísticos e culturais.

Os relatos de experiências em Arte foram muito significativos e encantaram pela sapiência das propostas com base nos princípios da pedagogia questionadora e da mediação cultural. Ao exercerem o papel de professor mediador, efetivaram questões provocadoras e jogos de percepção que possibilitaram a troca nas impressões sensoriais ampliando as interpretações. Segundo Martins e Picosque (2012, p.13) a mediação promove momentos importantes de fruição da arte, através da “socialização de perguntas que as próprias obras nos fazem”.

O papel do professor pesquisador foi fundamental na prática educativa, pois como afirma Freire (1996, p.14) “não há pesquisa sem ensino e ensino sem pesquisa”. As pesquisas dos educadores oportunizaram relações dialógicas entre as poéticas artísticas e fomentaram no educando a busca pelo saber artístico e a vivência das expressões plásticas, corporais e musicais.

A atitude investigativa e a fruição da estética do cotidiano, iniciada de forma intimista, mais próxima das crianças, foram sendo expandidas para o saber arte e cultura regional e universal. O educador propiciou dar visibilidade às identidades culturais do educando, valorizando a interculturalidade de MS, permeadas pelas relações fronteiriças. A qualidade dos encontros sensíveis artísticos e culturais germinou sentimentos e pensamentos, possibilitou o saber ser, estar e conhecer o mundo em tempos de isolamento social!

Nos territórios educativos observamos os campos conceituais da arte: a fruição

artística, a leitura contextualizada das visualidades, dos corpos em movimento e das sonoridades, culminando nos processos de Criação/Produção imaginativa e autoral das crianças. Dewey (2010, p.381) afirma que a qualidade do fazer no campo da estética, é possível acessando a sensibilidade e a paixão. Desta forma, ao produzir ou apreciar arte, a criança lapida sua percepção e imaginação, como observamos nas experiências estéticas relatadas pelos educadores neste livro.

Natália Assis Dias em: “Arte urbana e o ensino remoto: percepções de sensibilidade, reflexão, visualidades e criação” problematiza a função social da arte, como meio de expressão, reflexão e ação sobre a realidade; nas aulas de Arte - artes visuais propôs a fruição da arte urbana, através da viagem estética sensível que se inicia na arte dos muros da escola, ultrapassa a regionalidade e ganha o mundo. Em destaque a obra “Memorial da Fé 4” do artista Eduardo Kobra, cuja arte expressa o respeito à diversidade de crenças e nações, trás a fé, como ponto de religação humana com o Divino. A proposta educativa encanta pela mediação, com questões que ensinam a criança a pensar e de forma sensível e poética expressar-se em texturas, cores e formas artísticas.

Evellyn Carvalho de Almeida, em “De pupa à borboleta: libertação em tempos de isolamento social através da linguagem teatral” imbuída do espírito sensível de Manuel de Barros propôs para as aulas de Arte - teatro o bellissimo encontro das poéticas do teatro, do desenho e da literatura. Evellyn possibilitou um emocionante trabalho de mediação, tocando o sensível com o tema do medo, no cenário da pandemia, através da fruição do livro “O casaco de Pupa” de Elena Ferrándiz. As proposições lúdico-expressivas vividas criativamente através dos elementos teatrais (corporais, personagens, texto, cenário e outras) podem ser percebidas nos diários de bordo.

Douglas Marschner em “O ensino de música em tempos de pandemia”, tocado pelas dificuldades dos encontros presenciais nas aulas de Arte – música elaborou uma proposta sensível e criativa. Propôs para as crianças partirem dos sons do corpo, através da expressão/percussão corporal, motivou a percepção do ambiente sonoro e dos elementos da música (altura, duração, intensidade e timbre). Valorizou e ampliou o universo artístico musical dos educandos, fortalecendo as identidades, através da fruição da música no contexto da cultura regional de MS.

Jimmy Helton da Silva Cardoso, em “A prática de ensino da arte regional no contexto pandêmico da COVID-19” revelou o conhecimento pesquisado, internalizado e apaixonado do educador pela história da arte regional. Nas aulas de Arte - artes visuais motivou as crianças no exercício de ler e reler os monumentos artísticos culturais de Campo Grande, impulsionando a imaginação infantil nos recortes, dobras, cores e formas imaginativas. Resultando na apropriação de novos repertórios gráficos e plásticos, importantes na alfabetização visual das crianças.

Com a alma renovada pela riqueza destas experiências estéticas em arte, fica a certeza de que, neste mundo contraditório, fluído e intercambiante, devemos ser mais

do que seres viventes, precisamos nos tornar sujeitos em ação, reflexivos e críticos da realidade.

Aline Sesti Cerutti
Profa. Adjunta do Curso de Artes Visuais – UFMS






REFERÊNCIAS

DEWEY, J. *Arte como experiência*. Tradução de Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários para à prática educativa*. SP: Paz e Terra, 1996.

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa. *Mediação cultural para professores andarilhos na cultura*. 2 Edição. SP: Intermeios, 2012.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A BUSCA PELA EXPERIÊNCIA NO ENSINO DE ARTE EM TEMPOS DE PANDEMIA E ISOLAMENTO SOCIAL	
Fernando Freitas dos Santos	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.0792120101	
CAPÍTULO 2	11
ARTE URBANA E O ENSINO REMOTO: PERCEPÇÕES DE SENSIBILIDADE, REFLEXÃO, VISUALIDADES E CRIAÇÃO	
Natália de Assis Dias	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.0792120102	
CAPÍTULO 3	25
DE PUPA À BORBOLETA: LIBERTAÇÃO EM TEMPOS DE ISOLAMENTO SOCIAL ATRAVÉS DA LINGUAGEM TEATRAL	
Evellyn Carvalho de Almeida	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.0792120103	
CAPÍTULO 4	36
O ENSINO DE MÚSICA EM TEMPOS DE PANDEMIA	
Douglas Marschner	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.0792120104	
CAPÍTULO 5	46
A PRÁTICA DE ENSINO DA ARTE REGIONAL NO CONTEXTO PANDÊMICO DA COVID-19	
Jimmy Helton da Silva Cardoso	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.0792120105	
SOBRE O ORGANIZADOR	56
SOBRE OS AUTORES	57

CAPÍTULO 1

A BUSCA PELA EXPERIÊNCIA NO ENSINO DE ARTE EM TEMPOS DE PANDEMIA E ISOLAMENTO SOCIAL

Data de aceite: 24/09/2021

Fernando Freitas dos Santos

Coordenador pedagógico da ETI Profa. Ana Lúcia de Oliveira Batista da rede municipal de ensino de Campo Grande, MS. Mestre em Teatro, com pesquisa em metodologia de ensino de arte/teatro, pela Universidade do Estado de Santa Catarina. Especialista em Arte e Educação pelo Instituto São Francisco de Assis e Gestão do Trabalho Pedagógico pela Faculdade Venda Nova do Imigrante. Licenciado em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Grande Dourados em período de intercâmbio na Universidad de Guanajuato, México

RESUMO: Com o início da pandemia no Brasil, no ano de 2020, o espaço escolar precisou ser reinventado. As salas de aulas foram substituídas por aparelhos eletrônicos devida à necessidade de isolamento social. O ensino remoto tornou-se a modalidade viável de mediação educacional e, por isso, muitos professores precisaram reelaborar suas práticas pedagógicas. Como pensar o ensino de Arte em modalidade não presencial para estudantes do ensino fundamental I? Quais estratégias metodológicas são profícuas em busca da experiência no trabalho artístico com crianças em tempos pandêmicos? Essas questões serão problematizadas no decorrer deste estudo e, para tal, serão apresentados os princípios que norteiam a concepção da Escola em Tempo Integral Professora Ana Lúcia de Oliveira Batista,

situada em uma região periférica, da Rede Municipal de Campo Grande, Mato Grosso do Sul. O trabalho da coordenação pedagógica, com foco nos objetivos metodológicos, será elucidado à luz da noção de experiência com base nos estudos de John Dewey (2010) e de Jorge Larrosa Bondía (2002). Os processos de ensino e aprendizagem em Arte, em suas diferentes linguagens, também serão brevemente assinalados a partir de teóricos como Vigotski (2009), Carmela Soares (2010) e Flávio Desgranges (2011).

PALAVRAS-CHAVE: Arte e educação, experiência em arte, contexto escolar.

PONTO DE PARTIDA

O ano é dois mil e vinte. O lugar é uma escola situada em uma região periférica na capital do Mato Grosso do Sul. A situação é a necessidade de suspensão das aulas por tempo indeterminado. A causa é uma pandemia decorrente de uma pneumonia misteriosa cujo registro primário ocorreu na cidade de Wuhan, em dezembro de 2019, na China.

Angústia latente, muitas dúvidas e poucas respostas. A sensação de pertencer a um episódio de ficção, quiçá pesadelo, é sem sombras de dúvidas uma forte marca do presente cenário. No campo da educação passamos por diferentes períodos históricos que foram determinantes nas mais diversas práticas de ensino. Da abordagem pedagógica tradicional

à sociocultural, um longo caminho foi percorrido. O grande número de professores, em suas diferentes formações na licenciatura, teve, em maior ou menor grau, contato com as inúmeras teorias acerca de metodologias de ensino. No entanto, penso que para todos ou talvez para a maioria, não lhes fora apresentada a abordagem pedagógica em período pandêmico. Ensinar de maneira remota em uma rede de ensino público que não conta com a estrutura necessária para atender os estudantes tornou-se uma realidade para milhares de educadores no Brasil. Além disso, ensinar enquanto o aluno chora a morte de seus pais, deixou de ser ficção e se tornou realidade.

Distante de uma abordagem pedagógica tecnicista, cuja relação professor-aluno se circunscribe de maneira superficial e destoante da realidade, problematizar a vida e a situação assoladora em que o mundo se deparou por conta de um vírus que desafia a inteligência humana, tornou-se eixo norteador em muitas práticas pedagógicas, inclusive a nossa. Refiro-me ao árduo trabalho de professores e da equipe técnico-pedagógica da Escola de Tempo Integral Professora Ana Lúcia de Oliveira Batista localizada na cidade de Campo Grande, MS. De forma mais específica, as páginas a seguir revelarão os objetivos e estratégias metodológicas de ensino em Arte na mencionada unidade escolar. Eis o nosso ponto de partida!

ETI PROFESSORA ANA LÚCIA DE OLIVEIRA BATISTA, PRESENTE!'

Em maio de 2008, por meio do Decreto n. 10.490, publicado no Diário Oficial do município de Campo Grande – MS, institui-se a criação da Escola Municipal de Tempo Integral Professora Ana Lúcia Oliveira Batista. Em fevereiro de 2009, após muita preparação e estudos por parte da equipe gestora, corpo docente e técnicos administrativos, os portões da escola foram abertos para receber 447 alunos distribuídos em 17 turmas da educação infantil ao 5º ano do ensino fundamental.



Figura 1 - Escola Municipal de Tempo Integral Profa. Ana Lúcia O. Batista.

Fonte: arquivo do acervo da unidade de ensino.

1 Os dados referentes à proposta metodológica e informações funcionais foram consultados no Projeto Político Pedagógico da referida unidade de ensino.

Objetivando à educação em tempo integral, a referida unidade de ensino, desde a sua instituição, compromete-se pela qualidade educacional sob a ótica de um ensino público que cumpra sua função social de possibilitar aos estudantes acesso ao conhecimento. Atrelada a essa premissa, uma de suas bases de ensino consiste em problematizar os diversos saberes com o contexto histórico-social dos educandos a fim de possibilitar sua apropriação do mundo assim como sua possível transformação.

A proposta pedagógica da unidade de ensino fundamenta-se em cinco princípios metodológicos para nortear a prática docente. São eles:

1. *Educar pela pesquisa*: por meio deste princípio os alunos são estimulados a se apropriarem do conhecimento pelo viés da investigação científica. Os educandos são incitados a levantar hipóteses, criar teorias, justificar ideias, formular soluções e aplicá-las em diversas situações-problemas.
2. *Aprendizagem Interativa*: ao entender a aquisição de conhecimento como processo dinâmico e ativo, considera-se a interação social como um dos pilares para o processo de aprendizagem. Logo, pela sua característica social, o aluno precisa do outro para o seu desenvolvimento. A interação, portanto, torna-se indicador substancial em que o educador, por meio de diferentes processos de mediação, realiza a intermediação entre o estudante, seus pares e os mais variados objetos de conhecimento.
3. *Desenvolvimento da Fluência Tecnológica*: as tecnologias da informação e comunicação constituem-se como base operacional para o ensino da referida escola. Para tal, os educandos e educadores são estimulados a utilizarem os recursos tecnológicos disponíveis na instituição a fim de desenvolverem os conhecimentos necessários para o desenvolvimento operacional da fluência tecnológica.
4. *Inserção crítica à realidade*: mais que transmitir conhecimento, a proposta pedagógica da escola consiste em aliar os mais diversos objetos de aprendizagem e conteúdo ao mundo da vida dos estudantes. Problematizar o contexto social e a história (passado, presente e futuro) torna-se requisito indispensável para construção identitária e apropriação social dos alunos acerca da realidade que pertencem.
5. *Educação Ambiental*: este princípio é entendido como o desenvolvimento contínuo que os alunos, coadunados à comunidade, tomam consciência do seu ambiente a fim de compreender valores e competências para atuarem criticamente em busca de ações e soluções de conflitos concernentes à problemática ambiental. Destaca-se, ainda, que este princípio precisa ser analisado em sua totalidade e não o reduzindo apenas a uma visão ecológica. Assim, entende-se como sistema composto por fatores essenciais relacionados aos aspectos sociais.

Com intuito de atender aos objetivos propostos, a estrutura curricular da unidade educacional, organiza-se em suas mais variadas áreas de conhecimento em Ambientes

de Aprendizagem (AA1 – Língua Portuguesa; AA2 – Ciências, AA3 – Matemática; AA4 – Geografia; AA5 – História). Esses ambientes se mesclam na interdisciplinaridade dos conteúdos referentes às questões problematizadas. Além disso, o currículo apresenta os Ambientes de Aprendizagem Integradores (AAI1 – Arte e AAI2 – Educação Física). Os ambientes integradores, formados pela linguagem de Arte e Educação Física, têm o intuito de proporcionar novas relações de aprendizagem no espaço educativo, tais como: experiências estéticas, fruição artística, noções corporais e de movimento.

Como componente diversificado do currículo ainda são oferecidas as Atividades Curriculares Complementares, assim composto: ACC1 – Projetos, ACC 2 – Língua Estrangeira, ACC 3 – Atividades Esportivas, ACC 4 – Atividades Artísticas e Culturais e Atividades de Tempo Livre – TL. A referida organização curricular, aliada à mediação crítica docente, contribui para a formação integral do aluno não apenas em sua intelectualidade, mas também nos aspectos social e cultural.

Referente ao ensino de Arte, tanto no Ambiente de Aprendizagem Integrador (AAI1) quanto nas Atividades Curriculares Complementares (ACC4), busca-se um processo educativo de modo reflexivo e criador. A escola dispõe de espaços artístico-pedagógico para todas as especificidades artísticas a fim de oferecer maior qualidade no processo de ensino e aprendizagem. As aulas de teatro ocorrem em um palco e em uma sala intitulada como Caixa Preta. São oferecidas atividades de expressão corporal, jogos teatrais e diferentes modalidades de dança.



Figura 2 – Aulas de teatro e dança nos espaços artístico-educacionais.

Fonte: arquivo do acervo da unidade de ensino.

É importante enfatizar que, por vezes em algumas abordagens pedagógicas, o ensino de teatro se restringe meramente a montagens de peças a serem apresentadas em datas

comemorativas e/ou finais de períodos escolares. Em muitos casos o trabalho é arbitrário e aniquilador da criatividade, pois exige que o aluno decore gestos e falas. Essa, definitivamente, não é a forma de trabalho com a linguagem teatral em nossa escola. Buscamos estimular o estudante a se apropriar dos elementos da linguagem teatral movido pela curiosidade e pelo prazer. Em conformidade com as palavras de Carmela Soares (2010), acerca do ensino de teatro na escola, nossa prática artístico-pedagógica consiste em fazer com que o educando perceba que “[...] o presente se impõe como força motriz das ações, e o olhar na sua dinâmica lúdica captura as formas que se configuram e se desalinham no instante efêmero do jogo teatral”. A autora acrescenta, ainda, que é fundamental exercitar a capacidade de jogo do estudante impulsionando-o “[...] a se colocar no presente, disponível, imerso na situação imediata e ao mesmo tempo aberto e flexível a qualquer modificação sugerida no decorrer do jogo” (SOARES, 2010, p. 70).

Por isso, as aulas de teatro objetivam a possibilitar momentos intensos e significativos a todos os envolvidos. Percebemos que esses momentos de graça foram alcançados quando o aluno joga com a linguagem teatral movido pelo entusiasmo e pela alegria. Quando as regras do jogo são entendidas, respeitadas e, inclusive, recriadas. Quando é voluntário o lançar-se na área do jogo e nela é trazida outra dimensão de tempo-espço. Quando a relação professor-aluno é instaurada pelo diálogo. Quando a imaginação preenche os vazios, cria diversas imagens e estabelece inúmeros sentidos.

Nossa escola também dispõe de uma sala de Artes Visuais com toda a estrutura física necessária para os alunos experienciarem diferentes processos de criação. Nessa sala, por meio da mediação crítica dos arte-educadores, é possível notar a percepção de mundo de vários estudantes por meio de um viés artístico.



Figura 3 – Produção artística na sala de Artes Visuais.

Fonte: arquivo do acervo da unidade de ensino.

Nessa linha de pensamento, Vigotski (2009) destaca que o ato de desenhar possibilita que a compreensão da realidade da criança seja expressa através de uma atividade criadora. Segundo o autor, há dois tipos de atividades comuns ao homem: a “reprodutora ou reconstituidora” e a “combinatória ou criadora”. A primeira refere-se a um modo de reprodução e repetição de algo já existente. Essa atividade se estabelece através de modelos que por si só inviabilizam a abertura para a criação. A atividade reprodutora, segundo ele, “[...] nada cria de novo e a sua base é a repetição mais ou menos precisa daquilo que já existe” (VIGOTSKI, 2009, p. 12).

Já a atividade “combinatória ou criadora” diz respeito à ação humana que combina e reelabora impressões vivenciadas e signos assimilados para representar algo novo. O sentido de novo e de criação, para Vigotski (2009), implica numa atividade em que se cria uma nova configuração a partir da combinação e reorganização de dados armazenados na memória. A base da criação refere-se à capacidade do sujeito em reordenar e combinar elementos já conhecidos.

É com base nos pressupostos de uma atividade criadora que o trabalho com a linguagem visual se fundamenta em nossa unidade de ensino. A criação não é uma simples recordação vivenciada, mas uma combinação utilizada pelo viés artístico e criativo de impressões experienciadas pelos estudantes.

A música é também uma linguagem artística oferecida aos alunos da nossa escola. Contamos com duas salas com inúmeros instrumentos musicais para o desenvolvimento das aulas.



Figura 4 – Experimentação sonora nos espaços pedagógico-musicais.

Fonte: arquivo do acervo da unidade de ensino.

É importante frisar que o nosso trabalho com a linguagem musical não se refere a mera leitura de partituras e reprodução de sons já conhecidos. Tal abordagem pedagógica incidiria em uma prática tecnicista, pautada somente no fazer, sem a devida contextualização

e reflexão crítica. Diferentemente desse enfoque metodológico, nossa abordagem de ensino musical visa a estimular a capacidade de percepção dos alunos frente ao objeto artístico.

Portanto, com base em todo material até aqui apresentado, a Escola de Tempo Integral Professora Ana Lúcia de Oliveira Batista esteve em funcionamento, até o início de 2020, atendendo aos objetivos e pressupostos pedagógicos de ensino presencial. No entanto, por motivo de força maior (pandemia), o trabalho docente precisou ser reformulado e reinventado devido a necessidade de aulas remotas. O acesso ao ensino de arte de modo mobilizador, criativo e alicerçado em um crivo crítico continuou como alicerce de nossa proposta metodológica. Como oferecê-lo em tempos pandêmicos em um processo de mediação não presencial? Eis a questão!

BREVES CONSIDERAÇÕES ACERCA DO ENSINO DE ARTE EM PERÍODO REMOTO

Educadores de todo o Brasil, no início de 2020, foram surpreendidos por um novo cenário educacional: o ensino remoto. Minha preocupação na função de coordenador pedagógico de professores de Arte, em suas diversas linguagens e especificidades, recaiu no seguinte problema: Como propiciar um ensino de qualidade para alunos de uma comunidade periférica cujos suportes tecnológicos não se encontram acessíveis a todos? Quais estratégias metodológicas utilizar para oferecer um processo de ensino e aprendizagem em Arte de forma criadora e sensível em tempos de isolamento?

O canal de comunicação escolhido, pensando na acessibilidade de boa parte dos estudantes, foi o aplicativo de troca de mensagens *WhatsApp*. Por meio desse, os professores realizavam as postagens de aulas via orientações por escrito, vídeo e áudio. Além da mediação pelo ambiente virtual, os alunos recebiam apostilas com atividades elaboradas pelos docentes da nossa unidade de ensino. O contato físico e presencial, tão caro ao processo de ensino e aprendizagem aos estudantes do fundamental I, foi substituído pela presença virtual da tela de celulares e computadores.

Como coordenador observava-me em uma outra lógica de lugar e tempo.

Dentro de casa já não vivenciava a agitação diária da escola. Não via os mesmos corpos expressivos e dramáticos nas aulas de teatro. Dentro de casa o silêncio ensurdecador me impedia de ouvir as vozes dos alunos entoando diferentes melodias, assim como os sons dos instrumentos nas aulas de música. Dentro de casa já não mais sentia o cheiro da tinta que dava cor ao papel branco. Porém, apesar de um cenário um tanto quanto inesperado, estava ciente de que estar dentro de casa representava a esperança de um dia voltar a sentir, ouvir e ver tudo o que antes era corriqueiro e, por vezes, passava despercebido. Pelo viés óptico do isolamento, acompanhava pelo computador o esforço dos professores no processo de gravação de videoaulas. Observava a interação e as dúvidas nas salas virtuais (*grupos de whatsApp*). Escutava com atenção os áudios dos educadores, alunos e familiares. Apreciava

as fotos dos alunos e assistia aos vídeos de realização das atividades com muito entusiasmo e alegria.

Dentro de casa, buscava fazer com que os professores e os alunos encarassem o processo de ensino em Arte em tempos pandêmicos como possibilidade de experiência. O sentido da palavra experiência que me refiro é explicada por Bondía (2002) como algo que afeta os sujeitos deixando marcas significativas: “experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece” (2002, p. 21).

Bondía (2002) destaca que o sujeito da experiência é aquele desarmado de convicções e acessível às vicissitudes do aqui-agora. Esse sujeito é determinado pelo seu caráter acolhedor, disponível e passivo. A passividade, neste caso, não significa apatia e indiferença, pelo contrário, remete a um estado de escuta e atenção. O sujeito prioriza o momento presente e se expõe. Esta exposição revela a fragilidade do indivíduo e o desafia para se permitir a novas oportunidades do aqui-agora. Expor-se implica desnudar-se frente ao inesperado. Desnudar-se em tempos de ensino pandêmico implica olhar para o momento presente como possibilidade de aprendizado: aprender a lidar com um novo processo de mediação pedagógica (aos professores) e aprender a conviver com uma nova espacialidade e estratégia metodológica de aula (aos estudantes).

Para a modalidade de aulas em período remoto, em busca de possibilitar experiência em Arte, os professores elaboraram atividades alicerçadas na criticidade, apreciação e criação artística. A objetividade também foi um dos pilares adotados a fim de evitar inúmeras caixas de textos e informações em demasia. Nesse sentido, Jorge Larrosa Bondía (2002) enfatiza que informação e experiência não devem ser compreendidas como palavras sinônimas. A obsessão dos indivíduos em buscar profusas informações faz com que nada lhe toque e afete. Há apenas uma reação inconsciente aos estímulos dos acontecimentos que impede uma significativa conexão com os fatos. A memória é bombardeada de eventos que, de forma repentina, são alterados por outros momentos igualmente convidativos sem que seja possível deixar qualquer tipo de experiência. Esse sujeito, marcado de estímulos, faz com que muitas coisas lhe atinjam, porém nada lhe acontece.

Em consonância ao pensamento acima apresentado de Bondía, o filósofo John Dewey (2010) destaca que uma experiência estética requer momento de sujeição, de incorporar algo diferente do que já era sabido anteriormente. Essa sujeição significa desarmar-se de convicções para estar acessível às contingências do momento presente. Segundo o autor, a cobiça por informações configura um modo de vida acelerado que impede o indivíduo de ter uma experiência singular. Dewey assinala que “a ânsia de ação, deixa muitas pessoas, sobretudo no meio humano apressado e impaciente em que vivemos, com experiências de uma pobreza quase inacreditável, todas superficiais” (DEWEY, 2010, p. 123).

Em busca de não perder tempo, sujeitos presos ao passado e/ou ansiosos com o futuro, visam a desempenhar inúmeras atividades no menor prazo possível. É uma corrida

contra o tempo. Mas, ao contrário de um maratonista, não há um ponto de partida e tampouco de chegada. São momentos plasmados no presente em que não há antecipação e nem prospecção. A progressão do tempo ocorre a partir de uma linha afadigada e carente de recordação. Há reações inconscientes e o tempo se esvai, desvanece. É o tempo em que o sujeito está, mas no qual não se permite ser.

Podemos notar, com base nos apontamentos de Bondía (2002) e de Dewey (2010), que a hiperdosagem de informação pode inviabilizar uma experiência, pois não abre espaço para a reflexão e a produção de sentidos. Por esse motivo, firmado em um cenário pandêmico, cuja interação entre professor-aluno ocorria somente pelo plano virtual, havia a preocupação de elaborar um material que apresentasse atividades que atuassem como fertilizantes para o processo de criação dos estudantes. Avesa a uma pedagogia que prioriza somente a quantidade de informações sem a devida problematização, a elaboração das atividades incidu em um material que objetivou a criticidade e a apropriação dos elementos artísticos elencados pelos professores.

Nesse sentido, os professores foram provocados a também mergulharem em um processo de criação para a elaboração das atividades que seriam disponibilizadas aos alunos. À luz comparativa da teoria de Dewey (2010), acerca da importância da percepção do artista estar ativada no desenvolvimento da ação criativa, considerava de extrema relevância que os professores se afetassem e se relacionassem organicamente com suas respectivas proposições artísticas. A título de exemplo, segundo Dewey (2010), no ato de pintar um quadro o pintor utiliza dos movimentos das mãos: sua destreza manual a cada pincelada opera diretamente na ação. Todavia, para uma experiência estética é imprescindível que os órgãos de seu corpo estejam inteiramente conectados naquele ato de produção. Ao criar, o criador precisa se deixar afetar por sua criatura. A relação entre o “fazer” e o “estar sujeito a algo” auxilia na compreensão da arte como experiência. O ato de produzir pode estar estreitamente associado a uma percepção totalizante em que estimula nossas faculdades de sentir e atua como injeção de vitalidade.

De tal modo, em uma conjuntura de medo devido a inúmeros casos de mortes decorrentes da pandemia, consideramos relevante buscar a experiência já no ato da produção, ou seja, no próprio processo de elaboração das atividades. Assim como mencionado, na esteira do pensamento de John Dewey (2010), considerávamos importante que o criador-professor deixasse se afetar por sua criação artístico-pedagógica desde o início do processo de execução. Isso implica dizer que objetivar uma produção autoral do aluno exigiu que a elaboração da apostila também fosse criativa e não meramente uma cópia de atividades artísticas desconexas e sem qualquer tipo de ligação com o mundo da vida dos estudantes.

Os encaminhamentos que buscaram provocar experiência em Arte serão apresentados de forma analítica nos próximos capítulos pelos docentes propositores das atividades dentro da linguagem das Artes Visuais, Música e Teatro. Por fim, interessa-me destacar que apesar do triste cenário em tempos de isolamento, como coordenador

pedagógico, busquei estimular cada professor a olhar o ensino remoto com mais leveza e, como diria Manoel de Barros, capaz de “carregar água na peneira” (BARROS, 2010, p.469). Também visei despertá-los a enveredarem-se por caminhos de criação, a renderem-se a uma espacialidade não linear e entregarem-se a uma temporalidade que extrapola uma lógica meramente racional a fim de atuarem como força motora para adentrar e mergulhar em uma poética capaz de afetar os alunos em tempo pandêmico. Adjacente a provocações que pulsam subjetividades e incitam fissuras da linearidade do pensamento, a busca pela experiência apresentou-se como via profícua para mediação do ensino remoto em Arte.

REFERÊNCIAS

BARROS, Manoel. **Poesia Completa**. São Paulo: Leya, 2010

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência ou sobre o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação. São Paulo, n. 19, p. 20-28, jan.-abr., 2002.

DESGRANGES, Flávio. **Pedagogia do teatro: provocação e dialogismo**. 3 ed. São Paulo: Hucitec. 2011.

DEWEY, John. **Arte como Experiência**. In: BOYDSTON, Jo Ann (Org.) Tradução: Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

SOARES, Carmela. **Pedagogia do jogo teatral: uma poética do efêmero**. São Paulo: Hucitec, 2010.

VIGOTSKI, L.S. **Imaginação e criação na infância**. Tradução de Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009.

CAPÍTULO 2

ARTE URBANA E O ENSINO REMOTO: PERCEPÇÕES DE SENSIBILIDADE, REFLEXÃO, VISUALIDADES E CRIAÇÃO

Data de aceite: 24/09/2021

Natália de Assis Dias

Professora de Arte da Escola de Tempo Integral Professora Ana Lúcia de Oliveira Batista, Campo Grande – MS. Licenciada em Artes Visuais (UFMS), Pós-graduada Lato Sensu em Antropologia e História dos Povos Indígenas (UFMS); Pós-graduada Lato Sensu em Educação, Pobreza e Desigualdade Social (UFMS); Pós-graduada Lato Sensu em Mídias na Educação (UFMS); Especialista em Cultura e Criação (SENAC/MS)

RESUMO: O presente artigo traz como proposta de estudo, o trabalho com a Arte Urbana, na modalidade de ensino remoto. Algo desafiador, pois em um contexto de pandemia, em que o isolamento social se faz necessário, no combate a um vírus letal, a cidade, de algum modo, precisa ser levada para dentro da casa dos estudantes. Será compartilhada a experiência educativa, pelo viés do processo de criação em Arte, com estudantes do 3º ano, do Ensino Fundamental, da Rede Municipal de Ensino, de Campo Grande, Mato Grosso do Sul. Para tanto, será apresentada a análise de algumas atividades desenvolvidas com a temática Arte Urbana, com artistas nacionais e regionais, com o intuito de explorar os elementos da linguagem visual, a partir de propostas que estimulam a criticidade e, possibilitam a ampliação do olhar dos estudantes acerca das visualidades da cidade.

O referencial bibliográfico desta pesquisa está alicerçado nas proposições teóricas de Ana Mae Barbosa (2007), Stela Barbieri (2012) e Vera Pallamin (2000).

PALAVRAS-CHAVE: Arte urbana, experiência educativa, processos de criação.

INTRODUÇÃO

[...] Nestes tempos de necessário isolamento social, é preciso ter fé. Independentemente da nossa localização geográfica, de nossa etnia e de nossa religião, estamos unidos em uma mesma oração: que Deus inspire os cientistas para que encontrem a solução para esta pandemia. (EDUARDO KOBRA).

A frase acima, do artista Eduardo Kobra referindo-se aos seus murais desenvolvidos nos cinco continentes, acerca do contexto pandêmico da COVID-19, foi o fio condutor da presente pesquisa que, aliada ao objetivo de trabalho com os elementos da linguagem visual com crianças do ensino básico, buscou levar ambientes externos para dentro das casas de diversas crianças que estavam em isolamento social.

A prática de ensino em Artes Visuais, em modalidade remota, tornou-se território desconhecido não só para as crianças, mas

também para mim, na qualidade de professora pesquisadora. Mais que ensinar os conteúdos referentes as Artes Visuais, minha preocupação incidiu em problematizar o cenário pandêmico que atravessávamos. Com base em Stela Barbieri (2012, p.143), ao enfatizar que “[...] devemos cuidar da qualidade das propostas feitas para perceber que experiências educativas elas propiciam”, optei pela abordagem da Arte Urbana, a fim de minimizar o estranhamento da falta que os espaços urbanos faziam na vida de muitas crianças que neles transitavam cotidianamente.

Preocupações com as questões metodológicas e com os conteúdos que despertassem a reflexão da realidade, concatenados a importantes pontos do ensino de Arte, tornaram-se um grande desafio nessa modalidade de interação pedagógica não presencial. Stela Barbieri (2012) faz uma importante provocação acerca das propostas educativas: “elas propõem questões que ensinam a pensar? Ou são atividades desconexas, com efeitos sedutores, sem interações de transformar a trajetória do aluno?” (BARBIERI, 2012, p. 143). Esse foi um questionamento latente e atuou como termômetro avaliativo em todas as proposições artístico-pedagógicas. O esforço da elaboração de atividades consistiu em objetivar a apropriação de habilidades necessárias ao sujeito no ensino de Arte, assim como provocar um caráter reflexivo acerca do tema abordado.

A temática da Arte Urbana, dentro de um processo de ensino e aprendizagem da linguagem visual, foi escolhida com intuito de despertar uma postura crítica nos estudantes. Segundo a estudiosa Vera Pallamin (2000, p.20), “a arte urbana é vista como um trabalho social, um ramo da produção da cidade, expondo e materializando suas conflitantes relações sociais”. Isso significa que o artista, ao intervir com suas obras no espaço da cidade visa provocar os transeuntes a uma postura reflexiva.

Este artigo será apresentado de acordo com a sequência organizacional das atividades propostas para os discentes: iniciando a apresentação do estudo com o muro da escola que já apresenta pinturas coletivas, possibilitando uma leitura do bairro, estudo de artistas locais com obras que permeiam o imaginário identitário de nossa cidade e a obra de Eduardo Kobra, de modo a possibilitar a subjetividade e buscar a provocação por meio da expressão como cada criança percebeu este momento de pandemia. O trabalho, portanto, buscou propiciar os seguintes questionamentos aos educandos: quais eram as suas percepções, inquietações, medos, soluções, o que desejavam e esperavam deste momento?

PROFESSOR PESQUISADOR: ELABORAÇÃO DE PROPOSTAS AUTORAIS EM ARTES VISUAIS NO CONTEXTO DE ENSINO REMOTO

Este momento de pandemia, na modalidade ensino remoto com os desdobramentos no cenário educacional, trouxe como desafio a necessidade da elaboração de material pedagógico pelos professores, como ferramenta para a continuidade do processo de ensino. Isto evidenciou de maneira mais aprofundada um dos princípios da proposta metodológica

da escola, que enquanto professora de Arte, tinha o compromisso de construir, com autoria, o Caderno de Atividades. De acordo com o Livro Proposta da unidade escolar:

Os docentes são docentes não porque dão aula, mas porque são autores. Como regra, dão aula do que produzem, porque seria estranho, neste ambiente de aprendizagem, dar aula de coisa alheia, copiada, reproduzida. Aluno aprende bem com professor que aprende bem. (SEMED, 2009, p.9).

Para a elaboração de atividades que conduzissem os processos educativos que seriam construídos, com elementos que dialogassem com a crítica, a sensibilidade, a expressividade e questões sociais da atualidade, foi preciso encontrar caminhos metodológicos diferentes daqueles do ensino presencial, de modo que fosse possível alinhar a realidade das famílias às possibilidades de materiais a serem utilizados. Diante deste novo momento, procuramos ter a preocupação de alinhar as propostas com o atual cenário:

A educação deve ser trilhada por um processo criativo, sempre realizando tentativas de inovações, metodologias diferenciadas e materiais diversos, para promover o conhecimento de forma significativa, abordando questões sociais que podem ser refletidas através do viés artístico. (DIAS, 2019, p. 220).

Também, na busca para atender aos pilares que referenciam e norteiam as práticas educativas de nossa escola, tornou-se relevante elaborar atividades que não fossem soltas e desconexas, apenas priorizando o fazer artístico, mas encontrar um fio condutor, de uma proposta de pesquisa ao estudante, conforme a Metodologia da Problematização que, recomenda, além de uma temática a ser estudada, etapas que aprofundam e propõem a aplicação do que foi pesquisado, refletido e ressignificado à realidade de cada indivíduo e do coletivo. As autoras Berbel e Colombo (2007) discorrem que:

"(...) tem proposto como um caminho de ensino e pesquisa rico, porém complexo, o qual demanda esforços da parte dos que a percorrem, objetivando seguir as cinco etapas do Arco de Maguerez (observação da realidade e definição do problema, pontos-chave, teorização, hipóteses de solução e aplicação à realidade) e alcançar os resultados que suas características apresentam como potencial educativo". (2007, p. 122)

Além dos desafios encontrados na elaboração de um material autoral, com embasamento crítico, com escolhas de conteúdos norteadores das Obras de Arte, a busca por propostas criativas atuou como válvula propulsora na organização das atividades artístico-pedagógicas.

Atentando-me com os cuidados na escolha de imagens que ficassem compreensíveis, mesmo em impressão em preto e branco, que é a possibilidade de acesso da maioria das famílias de nossa escola, elementos como: layout, diagramação, tratamento das imagens das obras, foram quesitos de grande importância, para apresentar de maneira clara a proposta de estudo em Artes Visuais. Abaixo é possível observar os aspectos visuais de um dos cadernos trabalhados com as crianças:

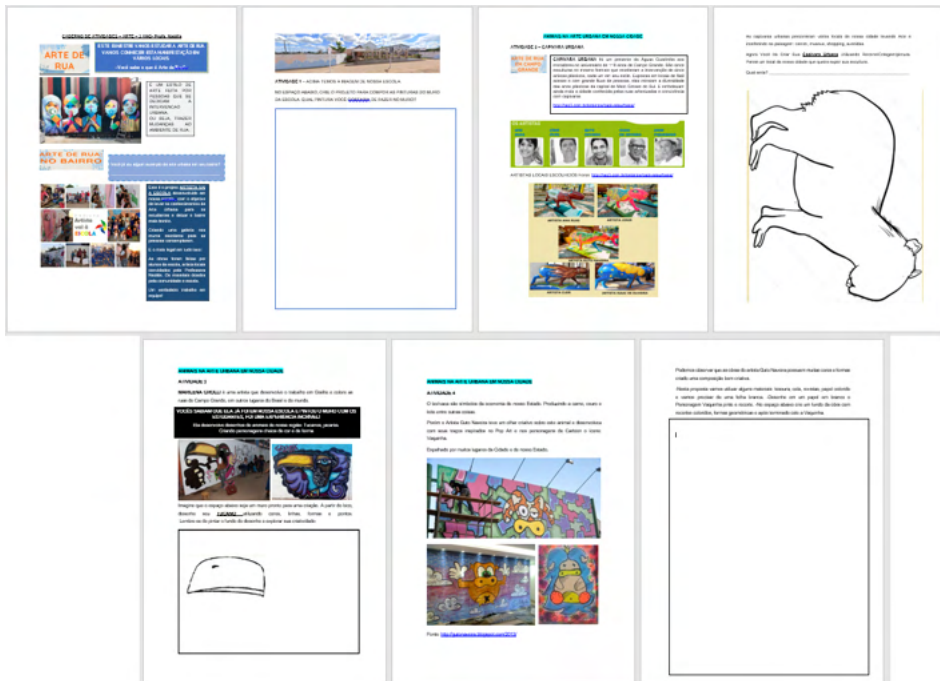


Figura 1 – Caderno de Atividades: Arte Urbana I.

Fonte: arquivo pessoal da autora.

ESTUDO DA ARTE URBANA: LEVAR À CIDADE PARA DENTRO DE CASA EM TEMPOS DE ISOLAMENTO SOCIAL

Conhecer a cidade é compreender que ela é composta de sujeitos, cada um destes, possui suas individualidades, expressividades, histórias, sensações de pertencimento ou não pertencimento, memórias com alguns locais, cenas cotidianas que retrataram momentos importantes, ou seja, a cidade é um campo de visualidades.

Em tempos de isolamento social, os cenários urbanos foram elementos centrais das percepções de ambientes que, em muitos casos, os estudantes não tinham tido a chance de conhecer em nossa cidade (seja por razões financeiras, pois a escola se encontra em uma área periférica e bastante carente de nossa cidade, ou pela falta de estímulo para observar trabalhos artísticos nos espaços urbanos). Explorar estes espaços públicos e conhecer as expressões artísticas urbanas tornou-se a oportunidade de levar a cidade para dentro das casas e de apresentar artistas, lugares e reflexões sobre a Arte Urbana.

A Arte Urbana e os seus diversos meios de produção são uma importante ferramenta para refletir com os estudantes sobre outras formas de expressão artística, conhecendo a diversidade cultural de nossa região e de outros locais, apresentando seus desdobramentos sociais e artísticos, como possível elemento formador da cidadania e da criticidade. Conforme dispõe nos PCNs de Arte (Parâmetros Curriculares Nacionais) é importante em

suas diferentes práticas: “investigar e se comunicar por intermédio da arte, produzindo ou apreciando trabalhos artísticos, reconhecendo, respeitando e refletindo sobre a influência dos diversos contextos sócio culturais”. (PCN,2000, p.190). Desta forma, buscou-se fazer com que os estudantes se apropriassem de suas vivências e repertórios para então, expressar-se de forma crítica no processo de criação em Arte.

É importante compreender que a Arte Urbana, de forma geral, possui fortes traços sociais e, de acordo com Vera Pallamin (2000, p. 24-5) “suas obras permitem a apreensão de relações e modos diferenciais de apropriação do espaço urbano”. Destaca-se ainda, que as intervenções artísticas na cidade, são representações de movimentos sociais, manifestação de um desejo coletivo, registro da percepção interna de um artista, que possibilita reflexões ao público.

As expressões da Arte Urbana possuem uma natureza, em algumas vezes, de anonimato e representa a ideia de um coletivo de pessoas que sentem as mesmas angústias e partilham da mesma opinião. A autora Vera Pallamin (2000) apresenta que:

Os significados da arte urbana desdobram-se nos múltiplos papéis por ela exercidos, cujos valores são tecidos na sua relação com o público, nos seus modos de apropriação pela coletividade. Há uma construção temporal de seu sentido, afirmando-se ou infirmando-se. Assim, tais práticas artísticas podem contribuir para a compreensão de alterações que ocorrem no urbano, assim como podem também rever seus próprios papéis diante de tais transformações: quais espaços e representações modelam ou ajudam a modelar, quais balizas utilizam em suas atuações nesse processo de construção social. (PALLAMIN, 2000, p.19).

Sendo assim, a Arte Urbana expressa a sua criticidade, por meio dos registros em locais que podem ser vistos e refletidos por outras pessoas, instaurando um movimento de reflexão e análise da realidade e das temáticas vigentes, que estão sendo discutidas na atualidade ou necessitam desta evidência social. Os efeitos estéticos das intervenções no ambiente urbano, segundo a pesquisadora desta temática, “potencialmente (sobretudo quanto às obras de caráter temporário) pode configurar-se em um terreno privilegiado para efeitos de choque de sentidos (negação, subversão ou questionamento de valores)” (PALLAMIN, 2000, p. 24).

Sobre as possibilidades de leitura, PALLAMIN (2000) aponta ainda, que outra característica marcante do grafite reside na inevitabilidade da leitura pública das mensagens. Assim, uma declaração aberta exige, muitas vezes, uma resposta também pública. Ou seja, a reflexão sobre a temática sobre a qual a leitura está sendo proposta.

Trazer a Arte Urbana para a escola é uma maneira de expandir os espaços para apreciação, fruição e criação em Arte. Mediar criações com esta temática, no contexto educativo, é uma maneira de desenvolver conceitos que envolvam a cidadania, a estética, a Cultura, o patrimônio público e a Arte Regional. Ao estudante deve ser oportunizado conhecer meios de se expressar e compreender as diversas possibilidades visuais artísticas,

desenvolvendo assim, a sua criatividade e, através do contato com novas expressões, vá construindo o seu repertório imagético.

Sobre isto Ana Mae Barbosa (2007) discorre que “devemos conhecer tanto os meios tradicionais quanto os meios que usam tecnologias contemporâneas, para que possamos escolher qual o mais apropriado para nossa expressão” (BARBOSA,2007, p.114). Além da linguagem escolhida para o estudo, a autora propõe que, o nosso pensar também deve ser estimulado pelo viés da Arte, de acordo com suas palavras: “Não podemos nos esquecer, para que possamos pensar artisticamente, é necessário que tenhamos pensamento crítico, isto é, que saibamos analisar o que nos é apresentado e nos posicionar frente a isso”. (BARBOSA,2007, p.114).

A pesquisadora nos mostra que além do processo de reflexão, necessitamos de posicionamento diante deste conhecimento apresentado. Para tanto as propostas do Caderno de Atividades I iniciaram com a apresentação de elementos básicos da Arte de Rua, bem como observações sobre o ambiente escolar (muro da escola), sobre bairro e a expressividade da cidade de Campo Grande - MS. Além disso, foi ofertado o estudo de diversas manifestações urbanas como: o Grafite, as Esculturas e as Pinturas que compõem o cenário local para ampliar a percepção.

ANÁLISE E DESCRIÇÃO DAS PROPOSTAS COM CONTEXTO REGIONAL: MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS URBANAS

No Caderno de Atividades foi realizado a contextualização de artistas regionais que desenvolvem as expressões de Arte Urbana, para que os estudantes conhecessem as manifestações locais e sua cidade.

Para a realização desta análise, percorremos alguns conceitos dentro da proposta de ensino-aprendizagem: pertencimento, expressividade, identidade, interferência urbana, experiência estética, pesquisa e subjetividade.

Veremos algumas propostas de atividades desenvolvidas com os conceitos do caminho de aprendizagem trilhado.

Pertencimento - iniciamos os estudos conhecendo a Arte Urbana pelo viés de maior proximidade: comunidade escolar, apresentando o projeto que desenvolvi com um grupo de estudantes chamado ‘Artista Vai à Escola’ em que artistas locais do cenário do grafite e da pintura mural conheciam o ambiente escolar, compartilhavam sua história de Vida e Arte, criavam com os estudantes uma obra para compor a galeria no muro escolar. Para a primeira atividade, após as contextualizações e imagens sobre o projeto com uma foto da fachada da escola, foi proposto aos discentes: **CRIE O PROJETO PARA COMPOR AS PINTURAS DO MURO DA ESCOLA. QUAL PINTURA VOCÊ GOSTARIA DE FAZER NO MURO?**

Conforme a imagem abaixo, podemos observar as criações dos estudantes acerca da provocação apresentada:



Figura 2 – Atividade: Projeto para o Muro da Escola.

Fonte: arquivo pessoal da autora.

É possível perceber nos desenhos elaborados que foi evidenciada a diversidade das ideias e o imaginário de cada um, compartilhando o seu repertório em um espaço em branco que foi preenchido com suas composições visuais. Importante destacar que para o processo criativo os estudantes foram estimulados a elaborarem um projeto de acordo com a sua subjetividade. Nessa lógica de pensamento, de acordo com Stela Barbieri (2012, p. 90), “propostas de cópia ou pintura de desenhos já feitos não são práticas educativas que provoquem o desenvolvimento, muito menos a criatividade”.

Interferência urbana - e se pensássemos na proposição de uma interferência urbana com meios de Arte abordando questões que permeiam a identidade de nossa cidade, o cotidiano e a visualidade? Foi trazido aos estudantes, o exemplo de uma interferência urbana com um animal silvestre (capivara) presente em nosso dia a dia. A ação artística, intitulada *Capivara Urbana*, foi proposta por uma empresa de saneamento básico, que convidou alguns artistas locais para retratar a sua expressividade em esculturas, as quais foram colocadas em pontos estratégicos da cidade, para a apreciação do público.

As esculturas das capivaras urbanas interferiram na paisagem, pois percorreram

vários locais de nossa cidade: centro, museus, shopping e avenidas. Como proposta de atividade foi orientado aos estudantes que criassem sua Capivara Urbana, utilizando diversos meios e materiais expressivos: recorte/colagem/pintura. Além disso, a atividade trazia como desafio refletir sobre os espaços urbanos para que as esculturas por eles criadas fossem expostas em um local de sua preferência.

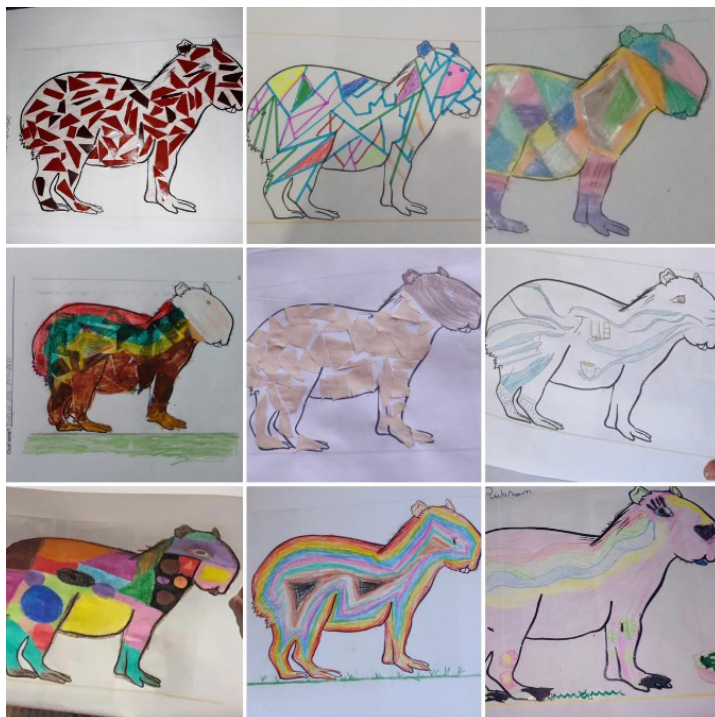


Figura 3 – Criação Capivara Urbana.

Fonte: arquivo pessoal da autora.

Como podemos observar, na imagem acima, foram apresentadas diversas possibilidades de criação, com diferentes usos de materiais. Em suas criações é possível notar o caráter subjetivo, cuja individualidade criativa se materializa nas visualidades das esculturas urbanas. Os locais com maior adesão dos estudantes para expor suas intervenções artísticas, em destaque foram: Lago do Amor, Parque das Nações Indígenas e a rua de seu bairro.

SUBJETIVIDADE E PERCEPÇÕES: PROCESSOS CRIATIVOS COM ESTUDO DA ARTE URBANA

Agora, tratando-se especificamente da subjetividade do sujeito, as questões latentes que nortearam este estudo foram: Como cada criança percebeu os reflexos da pandemia?

Quais eram as suas percepções, inquietações e medos referente a este momento?

Acerca da compreensão perceptiva dos acontecimentos que nos cercam, Cecília Salles (2013, p.96), discorre que “a percepção é um dos campos de testagem do ato criador: uma forma de exploração do mundo”. Perceber o seu redor e as expressões da cidade são uma forma de compreender o mundo. Em situação de isolamento social, torna-se ainda mais interessante levar a cidade para as propostas de Arte.

O objetivo da proposta consistiu em utilizar obras de grafite com alto teor de reflexão e crítica social, seguindo a prerrogativa que a Arte Urbana possui esse viés analítico-reflexivo, quando traz imagens com importância expressiva. A abordagem de tal temática possibilita que os indivíduos da cidade façam a leitura de momentos sociais, políticos e da própria percepção humana sobre variados temas. A autora Vera Pallamin (2000) apresenta a importância das diferentes intervenções artísticas no espaço urbano, para a reflexão dos sujeitos que nela habitam ou têm algum tipo de contato. De acordo as mensagens propostas na Arte Urbana:

Aproxima-se do trato com a memória dos grupos sociais e modos de permanência de suas referências, seus registros, documentação, limites e perdas. Lida com o reconhecimento das representações sociais, seus modos de reprodução ou desmembramento. Matéria em transformação, a memória social liga-se à possibilidade incessante de ressignificar os acontecimentos provocando-lhes múltiplas decantações de sentido (PALLAMIN, 2000, p. 51).

Sendo assim, a cidade retrata e ressignifica as vivências e acontecimentos. Como abordagem metodológica, para desenvolvimento de propostas artísticas em um contexto pandêmico, objetivou-se refletir o momento de isolamento social, a fim de buscar a Arte como possibilidade de reflexão e sensibilização.

A este respeito, Vera Pallamin (2000, p. 56) discorre sobre as forças coletivas, “o imaginário social abriga e participa de conflitos sociais. Em seu cerne está a questão das representações sociais voltadas à legitimação do poder, às relações de sentido que são associadas àquelas de força.” Em busca de atribuir sentidos e expressá-los artisticamente, acerca dos diversos conflitos vivenciados, em um período de pandemia, vários pontos-chaves foram apresentados, nas atividades para as crianças, tais como: isolamento social, importância do uso de máscaras, crença em um futuro melhor, apoio à ciência em tempos de negacionismo, representação da infância como agente potente na sociedade, diversidade religiosa e respeito.

Para abordar os pontos acima elencados, escolhi a obra *Memorial da Fé*¹ do Artista Eduardo Kobra. Com sua estética artística singular, este trabalho retrata crianças que utilizam máscaras com símbolos das maiores denominações religiosas do mundo, de uma forma bastante respeitosa, coloca a infância como elemento de pureza e igualdade entre os povos. A fé é abordada na obra como um elemento chave para este momento de enfrentamento de

¹ A obra apresentada em 2020 aos estudantes estava no mural do ateliê do próprio artista. No ano de 2021 esta obra tornou-se mais acessível ao público, sendo pintada em outro local, em frente à Igreja do Calvário, na cidade de São Paulo. Com dimensões maiores (28mx7m), o trabalho artístico foi denominado “Memorial da Fé por todas as vítimas do Covid-19”.

uma pandemia que ultrapassa fronteiras terrestres, políticas e religiosas.

Baseado em *Memorial da Fé* foi proposto aos estudantes que realizassem o seu autorretrato com a utilização de máscara, sendo uma proposta de cunho de conscientização sobre este importante e indispensável equipamento de segurança a fim de proteger de um perigo invisível em nossos dias – o vírus do Covid-19. Foi proposto às crianças uma possibilidade de criação pautada nos seguintes pontos reflexivos: conscientização da importância da máscara, o respeito à diversidade e a arte como meio de expressão e reflexão. A atividade, então, consistiu na realização de um autorretrato com o uso de máscara e uma mensagem a ser passada para as pessoas.

As criações encaminhadas surpreenderam nos campos estéticos e conceituais, demonstrando a maturidade das turmas com uma temática tão séria e importante. Stela Barbieri (2012, p. 90) apresenta que “as crianças têm a percepção aguçada, são mais sensíveis do que se imagina e demandam preposições inteligentes, nas quais podem se divertir muito, vivendo experiências estéticas”. Sendo assim, foi possível observar, conforme a imagem abaixo, a sensibilidade dos estudantes que foi expressada na atividade de forma reflexiva.



Figura 4 – Estudantes no processo de criação autorretrato com máscara após Estudo da Obra de Eduardo Kobra.

Fonte: arquivo pessoal da autora.

Ao analisar a estética das atividades encaminhadas é possível perceber os diversos caminhos realizados para a criação com materiais diferentes, sobreposições, uso de fontes para as frases de impacto e preocupação com o fundo da imagem. Sendo assim MAZZAMATI (2012, p. 63) apresenta que “[...] a apreciação das produções artísticas favorece e amplia a qualidade das relações que a criança possa estabelecer, tanto para si mesma quanto em relação ao mundo. O autor ainda aponta que, um processo artístico-pedagógico que atue de

forma crítica e criativa depende de “[...] propostas de desenho que envolvam exercícios da imaginação, observação, memórias e experimentação” (MAZZAMATI, 2012, p. 63).

Em relação ao campo conceitual as surpresas foram incríveis e de cunho bastante afetivo, em que demonstra a apropriação da temática central da obra estudada e o momento pandêmico em que estamos vivendo. Stela Barbieri (2012, p.27) apresenta que “as crianças trazem questões de suas vidas em seus trabalhos de arte”. Desta forma, retratam sua percepção não somente sobre o tema estudado, mas também sobre o registro de sua individualidade e vivências.

A autora Stela Barbieri (2012) traz a concepção de que “o papel do educador é ajudar a criança a expressar-se apresentando ferramentas e procedimentos que criem condições para que ela se coloque no mundo” (BARBIERI,2012, p.90). Para isto, é necessário planejamento e criatividade por parte do professor, ao apresentar propostas em que o estudante crie e traga para a sua materialidade todo o conceito estudado e interiorizado. Foi possível notar nas atividades dos estudantes, uma mensagem reflexiva pessoal em sua criação. Conforme as imagens abaixo, que retratam os processos de criação, os estudantes compreenderam a mensagem central e ressignificaram a partir de suas vivências, crenças e subjetividade.



Figura 5– Criação Autorretrato com máscara após estudo da obra de Eduardo Kobra.

Fonte: arquivo pessoal da autora.

Por fim, veremos a proposta de fechamento do conteúdo que trouxe a abordagem do Grafite, como uma forma artístico-expressiva de comunicar uma mensagem, criticar a realidade e suscitar a reflexão social de forma potente. Para isto, utilizando os referenciais artísticos estudados, foi apresentada a orientação da atividade da seguinte forma: Grafite – uma mensagem a ser dita. Crie um grafite pensando em alguns fatores (Qual mensagem você quer transmitir? Qual é o tema? Sobre o que você quer criar. Pense nas cores, nas formas, na parte artística).

As temáticas trazidas pelos estudantes com as criações mostraram sua compreensão sobre a profundidade reflexiva com assuntos que permeiam nosso cotidiano, sensibilidade diante de dilemas da nossa sociedade e a latente percepção de comunicar sua mensagem com elementos visuais estruturados, com clareza e peso conceitual.



Figura 6– Criação Uma mensagem a ser dita: reflexão sobre uma temática.

Fonte: arquivo pessoal da autora.

Sobre a atividade de criação de uma mensagem por meio da expressão do desenho, os conteúdos centrais das mensagens dos estudantes nesta proposta foram: preservação dos mares e oceanos, desmatamento, efeito estufa, a saúde, o uso consciente de máscara, a vacina para a Covid-19, preservação da natureza e igualdade: não ao racismo.

Acerca disso, a autora Vera Pallamin (2000) pontua que o sentido da fruição é determinado pelas experiências vivenciais de cada sujeito, “(...) uma vez que sua concretização estética se faz de modo aberto às indeterminações e ambiguidades da realização de seus sentidos. (PALLAMIN, 2000, p. 61). A partir disso, nota-se que cada indivíduo é em si um universo de possibilidades, cabendo ao ensino de Arte ser um importante condutor na construção do conhecimento do mundo a ser ressignificado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das análises que foram realizadas, com base nos encaminhamentos do processo de ensino aprendizagem, foi notório observar o quanto é vital a elaboração autoral de propostas diante da realidade que cada professor atua. Alguns caminhos aqui traçados obtiveram sucesso graças a particularidade desta comunidade escolar, valorizando as vivências de cada um dos sujeitos envolvidos.

Também foi possível verificar que o ensino remoto em Artes Visuais possui diversos obstáculos, mas com estratégia, pesquisa, sensibilidade à realidade de cada família, construção de propostas criativas e desafiadoras, o envolvimento dos estudantes aconteceu de forma profunda e significativa.

Como parte do trabalho docente, foi bastante comum a realização de formulações de diversificados formatos para a apresentação das atividades. Para isto, foi importante pensar em alguns aspectos metodológicos com bastante cuidado, como por exemplo: elaboração de vídeo, áudio, texto, imagens explicativas e diagramação com clareza do caderno de atividades. Essa preocupação tinha por objetivo a busca em alcançar todos os estudantes e ampliar as possibilidades de acesso neste momento de tanta desigualdade.

Revisitar o trabalho desenvolvido com as crianças para a escrita deste artigo me possibilitou uma nova perspectiva, mais afetuosa e mais compreensiva. A sensação de êxito pelas atividades realizadas fez-se presente na análise das devolutivas das crianças que apresentaram em suas criações profundidade conceitual, nas diferentes estratégias estéticas-visuais que encontraram para representar suas percepções, mesmo diante das dificuldades materiais e, por vezes, emocionais que cada família enfrentava.

Este momento de ensino remoto não foi apenas desafiador para nós enquanto professores, mas para todos os envolvidos: estudantes que tentavam buscar seu desenvolvimento mesmo sendo crianças, famílias buscando ser mediadores dos conteúdos, equipe gestora enfrentando burocracias, além de todas as dificuldades e lutas internas que cada lar enfrentou seja pelo vírus, pela economia, pela desigualdade social ou pelo isolamento.

Por fim, as atividades propostas às crianças visaram possibilitar a apropriação dos conhecimentos em Artes Visuais de maneira a refletir e aplicar novas formas de ver o mundo: enxergando o que silenciemos em nosso interior e dando novos significados ao caos exterior.

REFERÊNCIAS

BARBIERI, Stela. **Interações**: Onde está a arte na infância? São Paulo: Blucher, 2012.

BARBOSA, Ana Mae. **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 2007.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: ARTE** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 2000.

COLOMBO, Andréa Aparecida ; BERBEL, Neusi Aparecida Navas . Artigo. **A Metodologia da Problemática com o arco de Maguerez e sua relação com os saberes de professores**. Semina. Ciências Sociais e Humanas, v. 28, p. 121-146,2007. Disponível em:<http://www.sgc.goias.gov.br/upload/links/arq_390_ametodologiadaproblematizacaocomoarcodemaguerez.pdf> acesso em 10 jun. 2021.

DIAS, N. A. Conhecendo a Escola Municipal de Tempo Integral Profa. Ana Lúcia de Oliveira Batista. In: MORAES, M. M. de S., URT. S. da C. A. et al. (Orgs.). **Proposta curricular na formação de professores de educação integral**. 1.ed. Campo Grande, MS: Ed. UFMS,2019. cap.5, p.211-226.

Fernandes de Andrade, E. N., & Vinicius da Cunha, M. (2016). **A contribuição de John Dewey ao ensino da arte no Brasil**. Espacio, Tiempo y Educación, 3(2), 301-319. doi: <http://dx.doi.org/10.14516/ete.2016.003.002.013>

MAZZAMATI, Suca Mattos. **Ensino de desenho nos anos iniciais do ensino fundamental**: reflexões e propostas metodológicas. São Paulo: Edições Somos Mestres, 2012.

PALLAMIN, Vera M. **Arte Urbana** ; São Paulo : Região Central (1945 - 1998): obras de caráter temporário e permanente / Vera Maria Pallamin - São Paulo, Fapesp, 2000

SEMED – Secretaria Municipal de Educação. **Projeto das escolas de tempo integral**: diretrizes de implantação e implementação na rede municipal de educação de Campo Grande-MS, 2009. Campo Grande, MS.

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto Inacabado**: Processo de Criação Artística. 6ª edição. Cecília Almeida Salles. Apresentação de Elida Tessler. - São Paulo, Intermeios, 2013.

CAPÍTULO 3

DE PUPA À BORBOLETA: LIBERTAÇÃO EM TEMPOS DE ISOLAMENTO SOCIAL ATRAVÉS DA LINGUAGEM TEATRAL

Data de aceite: 24/09/2021

Evellyn Carvalho de Almeida

Professora da rede municipal de ensino em Campo Grande- MS, atuando na Escola Municipal de Tempo Integral Profa. Ana Lúcia de Oliveira Batista. Licenciada em artes cênicas pela UFGD (Universidade Federal da Grande Dourados), e especialista em arte e educação pela faculdade Campos Elíseos.

RESUMO: Este artigo tem como objetivo compartilhar as práticas vivenciadas pelos alunos de três turmas de 5º Ano, do Ensino Fundamental, durante as aulas de arte/teatro que ocorreram remotamente, em decurso da pandemia da COVID-19, no ano de 2020, na Escola Municipal em Tempo Integral, Profa. Ana Lúcia de Oliveira Batista, no município de Campo Grande/MS. Dentre os inúmeros desafios enfrentados no âmbito educacional, a impossibilidade de contato físico apresentou-se como o maior dos obstáculos para o desenvolvimento das atividades propostas em teatro, me estimulando a construir algo que dialogasse diretamente com este período pandêmico e que principalmente auxiliasse os estudantes socialmente. Diante disso optei em trabalhar com os elementos da linguagem teatral, em correlação com o sentimento mais vigente neste período pandêmico, o medo. Através deste artigo, compartilharei os caminhos metodológicos percorridos em arte/teatro a partir do livro *O casaco de Pupa* em que a autora Elena Ferrándiz aborda o tema medo de modo poético e sutil. Elucidarei as vivências experienciadas

durante as aulas, apresentando a proposta de ensino e devolutivas das atividades que foram realizadas pelos alunos, durante o processo de criação, reflexão e construção identitária de maneira profunda, poética e subjetiva.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de teatro, processo de criação, pandemia

INTRODUÇÃO

Poéticas corporais, este era o conhecimento específico da linguagem teatral que seria desenvolvido no ensino presencial, do 2º bimestre para as turmas de 5º ano, caso estivéssemos em um mundo sem COVID-19. Para mim o maior desafio foi traçar um caminho pautado em poesia do corpo, em meio a uma sociedade que se apresentava adoecida ou adoecendo.

A frase “Eu pensei em renovar o homem usando borboletas” (BARROS, 1998), do livro *Retrato do artista quando coisa* de Manoel de Barros, resume bem o desejo do meu coração ao realizar o trabalho autoral pautado no medo. Foi na busca de renovo e liberdade em tempos de isolamento social, que surgiu a ideia de desenvolver um estudo a partir do sentimento mais evidente em tempos de pandemia – o medo – que tornou-se nosso objeto de estudo, tendo sido desenvolvida a temática, a partir do livro *O casaco de Pupa* de Elena Ferrándiz.

Neste artigo apresentarei os caminhos pedagógicos e propostas desenvolvidas por

meio dos elementos da linguagem teatral, em diálogo com os processos de criação, experienciados pelos alunos em período remoto, devido à pandemia da COVID-19.

DESCRIÇÃO DAS PRÁTICAS DESENVOLVIDAS EM ARTE TEATRO DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19

Dentre os inúmeros desafios encontrados na área da educação neste período, para mim o maior de todos era o ensino do teatro à distância, uma vez que o coletivo é essencial dentro desta linguagem artística. No livro *Jogos teatrais na escola pública*, Ricardo Japiassu (1998) enfatiza a importância destas relações e interações na formação do sujeito:

As implicações escolares-educacionais e pedagógicas do paradigma histórico-cultural do desenvolvimento humano, nas quais se insere a proposta de ensino do Teatro apresentada com o presente trabalho, assimilam a importância do que se pode fazer com ajuda de outros mais capazes e experientes e o que se faz sozinho, entregue à resolução solitária de problemas, ou ao isolamento cultural em determinado grupo social. A qualidade das interações intersubjetivas, culturalmente mediadas, interferem decisivamente no processo de constituição do sujeito. (JAPIASSU, 1998, p. 9).

A angústia maior era a de mediar o processo de ensino e de aprendizagem de uma maneira que fosse prazerosa aos alunos e para mim. Um processo lúdico que, associado às habilidades de aprendizagem da linguagem teatral, atenuasse toda a carga emocional a qual estávamos carregando e que ao mesmo tempo dialogasse e contribuísse diretamente para o desenvolvimento identitário dos alunos, de maneira libertadora, crítica e reflexiva. No livro *Introdução à psicologia escolar*, Maria Helena Patto (1977) analisa a educação bancária e a educação libertadora a partir de Paulo Freire, e afirma que:

O educador, que aliena a ignorância, se mantém em posições fixas, invariáveis. Será sempre o que sabe, enquanto os educandos serão sempre os que não sabem. A rigidez destas posições nega a educação e o conhecimento como processos de busca. (PATTO, 1997, p 62,3).

Diante disso optei em desenvolver um estudo que não priorizasse apenas os conhecimentos específicos da linguagem e os objetos de conhecimentos, mas que desenvolvesse e proporcionasse a busca identitária de maneira flexível e autoral, proporcionando uma reflexão crítica pessoal e social. Desta maneira, gerei um estudo sobre o sentimento mais evidente neste período de pandemia da COVID-19, o medo, em correlação com os elementos da linguagem teatral. Esta proposta de estudo foi pensada em duas etapas, que chegaram aos alunos em edições distintas, por intermédio dos Cadernos de Atividades de Arte I e II.

Na primeira edição do caderno de atividades, apresentei a proposta de estudo com base nos conhecimentos e especificidades da linguagem teatral, discorrendo sobre os elementos que integram o teatro e, mediando o conhecimento a partir do diálogo entre as artes cênicas e a narrativa da história *O casaco de Pupa*. O livro apresenta a história da personagem

Pupa, que desde cedo se acovardava diante das situações e, conseqüentemente, se tornou uma acumuladora de medos. De maneira muito poética e sutil, a autora do livro confabula, metaforicamente, comparando a personagem a uma borboleta em estágio de pupa, ou seja, uma lagarta presa em um casulo em processo de desenvolvimento, com intuito de voar e se libertar.

Iniciei o estudo com a aproximação dos alunos ao tema, proporcionando a formulação do problema por intermédio dos questionamentos e apontamentos presentes no texto em que vários conflitos, medos, inseguranças e angustias que fazem parte de todos os seres humanos foram evidenciados. Após apresentar a história para o grupo de alunos, propus uma breve pesquisa dos significados de algumas palavras, com a finalidade de trazer coerência aos educandos para o que estava sendo proposto e, conseqüentemente, atingisse as habilidades deste processo de aprendizagem. Diante disso, reconhecemos o sentido das palavras: medo, redoma, pupa e metáfora. Saber o significado das palavras citadas anteriormente foi crucial e indispensável dentro do nosso processo de ensino/aprendizagem, uma vez que são palavras pouco utilizadas no cotidiano, mas que dentro da proposta de estudo teria uma grande relevância e importância.

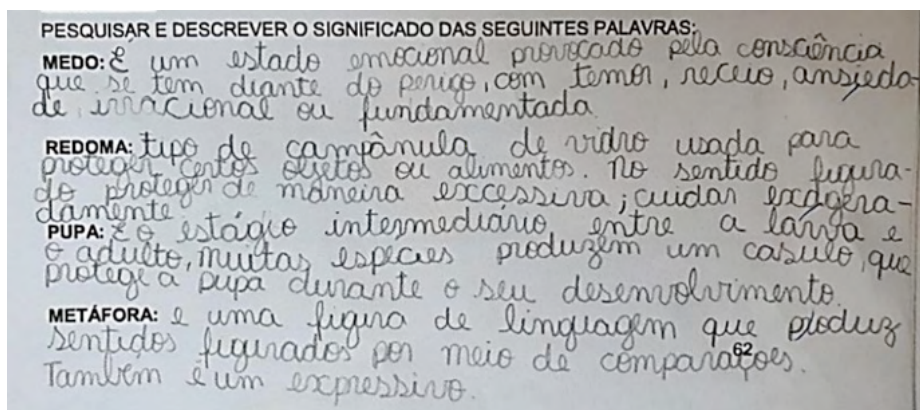


Figura 1- Significado de palavras cruciais desta proposta de ensino.

Fonte: Acervo pessoal do autor.

A ideia de desenvolver o conteúdo da linguagem teatral a partir da personagem Pupa, surgiu como uma estratégia de autorreflexão e busca identitária, como uma tentativa de metamorfosear a vida em tempos em que a nossa casa se apresenta como um casulo e, os nossos medos se evidenciam a cada dia. Esta proposta de estudo surgiu pela pandemia, mas o medo tratado neste processo foi sobre os receios de uma maneira ilimitada, em que, individualmente, os alunos apontaram seus medos nas mais diversas esferas da vida. Posteriormente, segui problematizando no que se refere à compreensão angariada a partir do casulo de Pupa e, nesta aula, questionei-os sobre a assimilação e o entendimento

adquiridos. Em um breve texto, os educandos relataram a percepção obtida da história e, posteriormente, em um momento de reflexão pessoal subjetiva e lúdica pedi para que desenhassem os fragmentos da história que mais chamaram-lhe a atenção. Meu objetivo com essa proposta era provoca-los a uma autoanálise para reconhecer seus próprios medos.



Figura 2- Registro das partes da história que mais chamaram a atenção dos educandos.

Fonte: Acervo pessoal da autora.

A partir da proposta de atividade anteriormente apresentada, segui propiciando o reconhecimento de importantes componentes da linguagem teatral. Em meio aos inúmeros desafios da educação, encontrados em tempos pandêmicos de aulas remotas, para mim a maior dificuldade encontrada foi trabalhar com teatro em caráter remoto. Teatro é coletivo, jogos e exercícios colaborativos são essenciais para o processo de ensino aprendizagem. Vygotsky(1989), concedeu um papel significativo às relações sociais:

Propomos que um aspecto essencial do aprendizado é o fato de ele criar a zona de desenvolvimento proximal; ou seja, o aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento, que são capazes de operar apenas

quando a criança interage com pessoas em seu ambiente e quando em cooperação com seus companheiros. (VYGOTSKY, 1989, p. 101).

O contexto abordado por Vygotsky é diferente do contexto escolar, contudo o relacionamento interpessoal se apresenta como um importante componente para o desenvolvimento da criança em seus processos construtivos, a partir da cooperação e interação. Para que eu pudesse seguir desenvolvendo a proposta de ensino dentro da minha linguagem de formação e, que principalmente atingisse o objetivo no desenvolvimento dos educandos à distância, optei por trabalhar com os elementos que compõem as artes cênicas e, seguimos com um momento em que os alunos identificaram os elementos da linguagem teatral, como: personagens, cenários, figurinos e iluminação apresentados na trama.

ESCREVA OS ELEMENTOS DA LINGUAGEM TEATRAL QUE ESTÃO PRESENTES

HISTÓRIA:

PERSONAGENS: pupa, borboleta

CENÁRIOS: casa, calcada-glamado, muro, escuridão em suas anexas na terra aquilino, arco-relevo (templo), casaco, minhalha, gata,

FIGURINOS: casaco, vestido, asas

ILUMINAÇÃO: luz da manhã, luz do por do sol,

Figura 3 - Os elementos da linguagem teatral que foram identificados pelos alunos.

Fonte: Acervo pessoal da autora.

Após a identificação do tema e dos elementos da linguagem teatral iniciamos o processo de criação. Neste ponto, a compreensão do sentimento do medo e a consonância com os elementos cênicos, nutriram o nosso estudo. Na segunda edição do Caderno de Atividades de Arte, iniciei a aprendizagem a partir da seguinte interrogação: Qual sentimento é questionado na história *O casaco de Pupa*? Orientei os alunos para que desenhassem a expressão discutida na narrativa, logo eles representaram através de desenho o sentimento em questão.



Figura 4 - Registro da expressão de medo realizado pelos educandos.

Fonte: Acervo pessoal da autora.

Após possibilitar o estudo da temática e dos elementos teatrais, iniciamos um processo de criação baseado na sensibilidade e subjetividade dos alunos, por intermédio da reflexão e apropriação do eu próprio.

O conhecimento de si e as buscas identitárias foram afloradas de maneira profunda, porém sutil. O medo é trivial, diante disso, problematizei e sugeri aos alunos que conversassem com seus familiares e os questionassem sobre as situações as quais o gatilho do medo era ativado. Após escutar os familiares, também foi proposto que eles compartilhassem uma situação sua, da qual o medo se fazia presente. Para os alunos que não se sentiam confortáveis em realizar este diálogo com a família, propus que escrevessem sobre seus medos no diário de bordo¹. O mapeamento das fragilidades se fez essencial nesta proposta de ensino, tanto por intermédio do diálogo com outrem, consigo ou comigo. Durante as elaborações das orientações para esta aula, me coloquei a disposição, caso algum aluno preferisse criar um diálogo e compartilhar os receios comigo. Nos *Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte* (1977) é enfatizada a importância do educador se associar e oferecer

¹ Método utilizado para acompanhamento do processo de ensino/aprendizagem em que os alunos realizaram registros diariamente, apontando seus sentimentos e percepções cotidianas de maneira artística e autoral.

amparo e afeto aos educandos:

É importante que o aluno sinta no professor um aliado do seu processo de criação, um professor que quer que ele cresça e se desenvolva, que se entusiasma quando seus alunos aprendem e os anima a enfrentar os desafios artísticos. O acolhimento pessoal de todos os alunos é fator fundamental para a aprendizagem em Arte, área na qual a marca pessoal é fonte de criação e desenvolvimento. (PCN- Arte, 1977, p.102).

O reconhecimento de que somos humanos, dotados de sentimentos bons e ruins foi o primeiro passo para o processo de reconhecimento subjetivo dos alunos. Assim como a personagem Pupa, muitas vezes as situações do cotidiano e vivências negativas experienciadas são impeditivos de enxergar o quão sensível somos. Muitas vezes não nos permitimos sentir, e esse ato frequentemente bloqueia a nossa percepção sobre o mundo e sobre nós mesmos.

Com a reflexão realizada e o reconhecimento de que somos fragilizados pelo medo, problematizei uma atividade em que o desafio era a criação de uma dramaturgia baseada nos medos, reconhecidos pelos alunos. Iniciamos o processo de produção onde os alunos assumiram o papel de protagonistas e correlacionaram o tema proposto com suas próprias histórias, dialogando diretamente entre a razão e a emoção. Diante disso, *Stanislavski* interpela sobre a importância do equilíbrio de ambos durante o processo de criação e construção em arte teatro:

Primeiro, como sabem, recorreremos à razão, que está muito mais sujeita ao controle que à emoção. Mas não o fazemos como um processo puramente intelectual. Usamos primeiro a nossa mente, para que ela, como um batedor, vá reconhecendo o terreno. A razão começa por estudar todos os planos, todos os rumos, todas as partes componentes da peça e dos papéis individuais. Como um soldado de vanguarda, abre novas trilhas para que nossos sentimentos possam fazer novas prospecções. Depois, as emoções criadoras vão seguindo por esses caminhos preparados pelo batedor (STANISLAVSKI, 2002, p.188).

Desta forma em um exercício mesclado entre razão e emoção os educandos criaram um mini roteiro descrevendo os principais elementos que fariam parte da proposta de montagem teatral. Em um exercício autoral, pautado em seus próprios medos, deram um nome à peça, escolheram as personagens que fariam parte do elenco, apontaram o espaço dramático e os figurinos que acrescentariam à proposta de construção. Após elencarem em formato de texto, os alunos realizaram a ilustração da peça por intermédio de desenho em um espaço representativo de um palco.

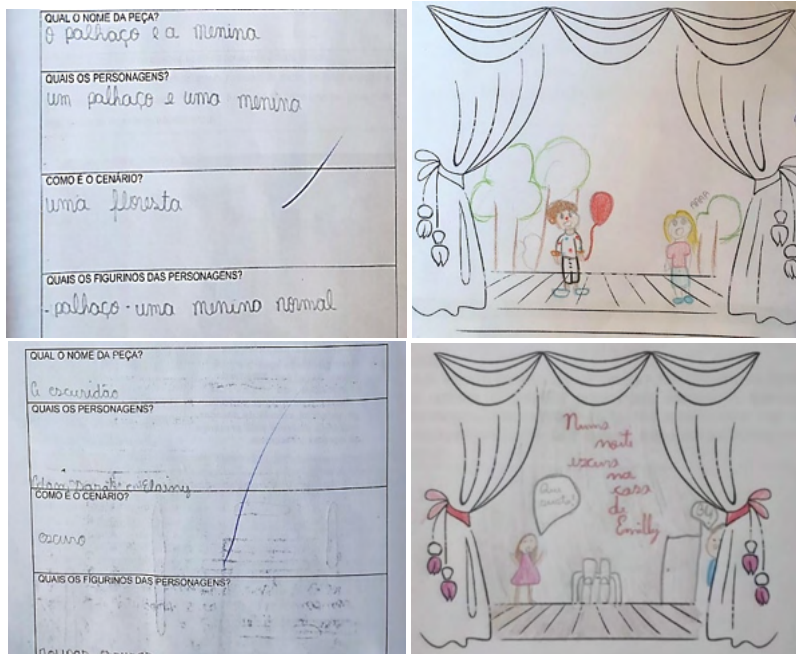


Figura 5 - Registro do mini roteiro e representação cênica da dramaturgia em desenho.

Fonte: Acervo pessoal da autora.

Subseqüentemente, apresentei aos alunos a obra expressionista “O grito” do artista norueguês Edvard Munch (1893). A obra em questão representa a figura de uma personagem hermafrodita num momento de medo, abundante angustia e aflição existencial. A problemática desta aula era a observação dos elementos da linguagem teatral, representados na obra matriz e a análise do espaço dramático, personagem, figurino e expressão demonstrada pela protagonista do quadro. Após a observação e reflexão, iniciamos a criação de um “Grito autoral” em que, como artistas, os alunos puderam expressar seus sentimentos de maneira autoral, por intermédio de liberdade criativa na construção da composição artística. Angústias e aflições foram registradas das mais diversas formas, em que os educandos utilizaram de recortes, colagens, cores, formas, fotografias, entre outros elementos escolhidos para a composição, como demonstra o registro:



Figura 6- Registro das releituras de “O GRITO” realizadas pelos alunos.

Fonte: Acervo pessoal do autor.

Diante disso a minha proposta para contextualizar o nosso tempo de estudo, foi uma breve apresentação do que é dramaturgia. De maneira primordial e condensada, realizei um estudo sobre dramaturgia em que descrevi aos alunos o significado da palavra, que é de origem grega, que significa ação e que, dentro da linguagem teatral, a dramaturgia é a arte de compor e representar uma história dividida em cenas e que, o dramaturgo é o autor da obra dramática. Este breve resumo foi feito com o intuito de auxiliar na realização da última proposta. Na atividade, os alunos foram incumbidos de serem dramaturgos de suas próprias histórias, em que a proposta era pensar em alternativas de superar seus próprios medos e criarem uma dramaturgia dividida em cenas com o seguinte desafio: “Faça com que o seu medo tenha medo de você”. Os alunos realizaram a criação de uma dramaturgia dividida em quatro cenas, em que buscaram alternativas e meios de superação dos seus medos e angústias assumidos durante este tempo de estudo.

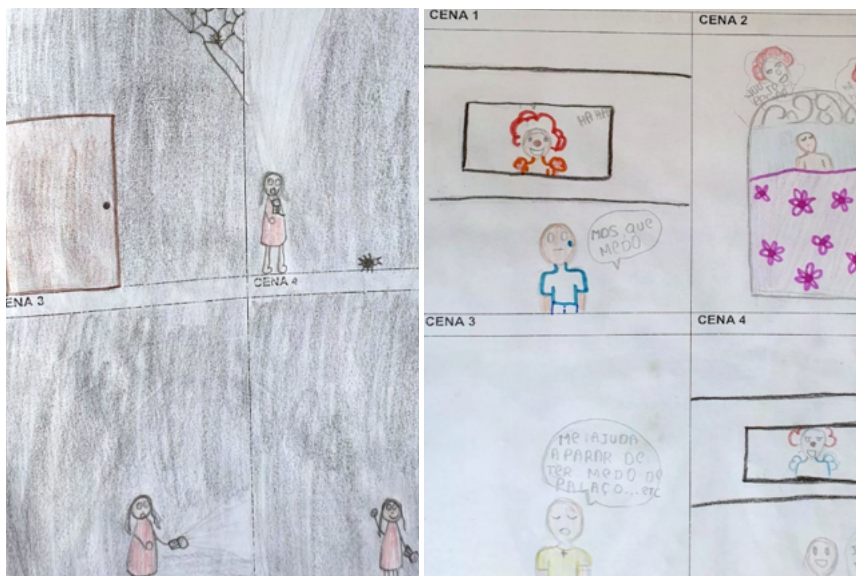


Figura 7- Dramaturgia em cenas pensadas pelos alunos, como alternativa para combater seus medos.

Fonte: Acervo pessoal da autora.

Após reescreverem suas próprias histórias e darem um novo rumo às suas aflições, os alunos fecharam nosso estudo com a criação de um figurino para eles, que neste momento estavam sendo representados por uma borboleta, simbolizando a liberdade e o recomeço sem o casulo como limitador, reconhecendo o quão importante é o processo de transformação.



Figura 8 - Figurino das borboletas.

Fonte: Acervo pessoal da autora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Adaptação é uma das principais características da evolução humana, e essa peculiaridade nunca se fez tão óbvia como neste período pandêmico, com aulas remotas, onde nós educadores tivemos que nos reinventar, tendo a aprendizagem dos alunos como prioridade. Foram inúmeros os desafios encontrados ao longo do percurso, e dentre todos os desafios, a distância foi o maior de todos.

Durante este artigo discorri sobre o processo de criação. Processo este que não foi experienciado apenas pelos educandos. Como docente mergulhei em um processo criativo árduo, para construir uma proposta que dialogasse diretamente com o momento vigente, correlacionando com os elementos específicos da minha linguagem de formação.

Ao término deste estudo e, de acordo com todas as devolutivas das atividades dos alunos em formato fotográfico, assim como o processo de correção dos cadernos de atividades, que ocorreu presencialmente, na unidade escolar, concluo que essa experiência foi libertadora tanto para os alunos, como para mim, que tive a possibilidade de repensar as práticas e propostas de ensino em arte teatro. Um ensino que não prioriza apenas o técnico ou a sobrecarga da matéria, mas principalmente que enxerga o ser humano e todas as suas potencialidades.

Angústia e preocupação eram os sentimentos que me tomavam naquele momento, frente aos novos desafios no ramo da educação e do mundo de maneira geral. Como educadora, digo que diante destes sentimentos e preocupações recorrentes deste período, não havia associado o quanto este processo foi relevante e significativo para os educandos. Eu proporcionei a renovação do homem a partir das borboletas (BARROS,1998).

REFERÊNCIAS

FERRÁNDIZ, Elena. O casaco de Pupa/Elena Ferrándiz; tradução [de] Maria Krusero. – São Paulo: Frase&Efeito, 2011.

BRASIL. Parâmetros curriculares nacionais: arte / Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília: MEC/SEF, 1997.

BARROS, Manoel de. **Retrato do artista quando coisa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

BERBEL, N. A. N. **Metodologia da problematização : uma alternativa metodológica apropriada para o ensino superior**. In: Semina, Londrina, v16,1995.

STANISLAVISKI, Constantin. **A preparação do ator**. Tradução: Pontes de Paula Lima. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

STANISLAVISKI, Constantin. **A criação de um papel**. Tradução: Pontes de Paula Lima. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

PATTO, Maria Helena Souza. **Introdução à psicologia escolar**. 3.ed.- Casa do psicólogo, 1997.

JAPIASSU, R. O. V. **Jogos teatrais na escola pública**. Ver.Fac. Educ., São Paulo, v.24, n.2, jul.1998. Disponível em : <https://www.scielo.br/j/er/a/hLkXfdZ65VDTfztn8ng75Bd/?format=pdf&lang=pt>

Data de aceite: 24/09/2021

Douglas Marschner

Professor de Arte – Música na Escola de Tempo Integral Professora Ana Lúcia de Oliveira Batista, Campo Grande – MS.

Licenciado em Música pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), possui especialização em Educação Musical e o Ensino de Artes pela Faculdade Venda Nova do Imigrante (FAVENI)

RESUMO: O presente estudo objetiva debater e explanar aspectos relacionados ao ensino de Música, a partir das aulas remotas e propõe-se a tornar claro o processo artístico-metodológico desenvolvido nestas aulas. Nesse caminho, analisaremos o trabalho intenso desenvolvido entre a escola e a comunidade escolar, para que o ensino se mantivesse ativo, durante os tempos de pandemia, ocasionados pela COVID-19. Para tal, será realizada uma análise das consequências e adaptações que as aulas remotas sofreram, no contexto pandêmico, para que o ensino musical se mantivesse operante. A partir disso, este estudo se pauta na análise da dinâmica do ensino em tempos de pandemia, por meio da revisão bibliográfica de notícias e estudos acerca da temática em foco, de modo a visar a ampliação do debate sobre o plano e a execução de medidas voltadas ao aprimoramento do ensino, num âmbito integral. Por fim, será proposta uma reflexão acerca de paradigmas identificados na sociedade, com relação a efetividade do trabalho educacional aos moldes

remotos e suas implicações sanitárias.

PALAVRAS-CHAVE: Música, aulas remotas, ensino, pandemia.

INTRODUÇÃO

Ao início do ano de 2020, tudo parecia acontecer como de costume, iniciava-se o ano letivo de forma presencial, novas turmas, a vontade de fazer o melhor e proporcionar um ano escolar proveitoso se renovava. No entanto, a pandemia global, ocasionada pelo vírus COVID-19, ganhou força e mudou a rotina do mundo e, por consequência, nasceu a necessidade da adaptação do ensino e da aprendizagem. A lousa e o canetão saíram de cena para dar lugar ao celular, computadores e aparelhos eletrônicos. Além disso, tornou-se presente o desafio em lecionar uma aula de qualidade em meio a todas as adversidades impostas pelo ensino não presencial.

Em Campo Grande – MS, no ano de 2021, dá-se continuidade ao ensino de forma remota, na rede pública de educação, uma vez que, o Brasil apresenta-se com números elevados de mortes ocasionadas pelo coronavírus. Há uma divergência de opiniões sobre o atendimento educacional aos moldes remotos. É evidente que lecionar e aprender em casa é uma tarefa difícil, que exige uma readaptação de hábitos e métodos. O empenho em manter a suspensão das aulas presenciais, visa diminuir o contato

humano e contribuir com a preservação da vida.

Em Campo Grande, as aulas remotas têm sido a maneira como professores e professoras estão tentando proporcionar a continuidade no aprendizado dos quase 160 mil alunos nas redes estadual e municipal. Somando toda a comunidade escolar (professores, administrativos e alunos), são quase 200 mil pessoas que deixaram de se expor ao risco de contágio pelo novo coronavírus, na capital. (ACP, 2021).

A partir do decreto da suspensão das aulas presenciais, a rede de ensino se viu com a missão de adaptar as aulas através da aprendizagem à distância. Decidiu-se que o caderno base de atividades seria a ferramenta principal para que o ensino se mantivesse operante na REME (Rede Municipal de Ensino). Nesse sentido, o grupo escolar iniciou um profundo mergulho no mundo tecnológico, a partir de uma vasta experimentação de aplicativos, redes sociais e suas respectivas ferramentas em prol da educação.

No período de aulas remotas na Rede Municipal de Ensino (Reme), os mais de 109 mil alunos podem realizar as atividades domiciliares com o auxílio do caderno-base distribuído para todos os estudantes. Os exercícios são complementares ao ensino oferecido pelos professores, por meio de grupos de conversa e outras plataformas, além das aulas da Rádio e da TV Reme. (SEMED, 2021).

Debate-se até que ponto a dinâmica das aulas remotas é benéfica para a saúde dos profissionais da educação e comunidade escolar.

Existe uma necessidade colocada de se manter uma certa normalidade, e isso provoca um fluxo de trabalho gigante. A presença exacerbada do trabalho na vida cotidiana tem provocado muita exaustão. Nós vemos professores se dedicando, com tempo e recursos financeiros empregados ao máximo, fazendo vídeos excelentes para explicação do conteúdo [...] (BELLEI, 2021).

A pandemia veio para nos mostrar que aplicativos antes vistos como ferramentas de comunicação restrita e particular, tornam-se uma ferramenta riquíssima para a efetivação do ensino remoto. Vida pessoal e vida profissional se misturam, em um emaranhado de mensagens diárias, nos dispositivos tecnológicos como celular, notebook, entre outros. Nota-se a necessidade de ajustes na organização cotidiana, faz-se necessário aprender a conviver com um número elevado de informações diárias. Nossa sociedade moderna vive em tempos de extremo estímulo visual e sonoro, debate-se até que ponto o excesso comunicativo é saudável nos dias atuais.

Podemos também caracterizar a nossa atualidade como uma amostra aleatória e ampla de sensações e de estímulos de todos os tipos dos quais alguns são considerados e outros ignorados, só que todos permanecem disponíveis, acessíveis, semiotizados, fazendo com que os fragmentos possam sempre estar a absorver conteúdos ou a se tornarem reflexos automáticos. Fragmentos que indicavam uma exterioridade, um vazio, agora se conectam, tornam-se inteligíveis e significativos. Deste modo, uma experiência subjetiva nova se delineia, deixando perplexidades, hesitações diante de um mundo em que o excesso nos solicita, demandando novas formas de perceber, sentir e agir.

Neste contexto, da sociedade do 5G em tempos pandêmicos, é imprescindível a busca de adaptação e inovação a favor do ensino e da aprendizagem. Além disso, é fundamental que saibamos equilibrar e ajustar as convenções cotidianas. A partir do contexto pandêmico da COVID-19, a intensificação do uso de recursos tecnológicos se concretiza no âmbito metodológico escolar, faz-nos refletir sobre o futuro da humanidade em um panorama amplo, acerca de perspectivas políticas, sociais e econômicas em meio a tantas revoluções e inovações digitais.

Todo o trabalho desenvolvido pela rede de ensino, em conjunto com o corpo escolar, necessita do suporte e da contrapartida dos tutores, pais e responsáveis (seja no intermédio em buscar e devolver os cadernos de atividades na escola ou na ajuda em casa na realização das aulas propostas). Por isso, é de extrema importância o papel da família como base estrutural na efetivação do ensino e aprendizagem.

No cenário pandêmico, fica mais evidente a necessidade de acompanhamento familiar, principalmente com os alunos da educação infantil, pois nesta faixa etária o ensino remoto exige um maior cuidado devido às particularidades impostas. Sendo assim, esta dinâmica metodológica requer maior atenção do tutor para que as aulas ocorram de maneira satisfatória.

Segundo o Art. 2º da (LDB) Lei de diretrizes e bases da educação nacional de 1996:

A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1996).

Assim sendo, o compromisso com o progresso da educação está pautado em um conjunto de forças: a escola, o estado e a família. Acredito que o contexto pandêmico veio para destacar para a sociedade a complexidade do ensino e da aprendizagem. Tornou-se claro que a tarefa na promoção de um ensino de qualidade não é algo simples, exige profissionais capacitados que carregam um fardo cotidiano com um elevado emprego de energia cognitiva, física e psicológica. É notório que valorizar os profissionais da educação é uma atitude que reflete na qualidade do desenvolvimento de uma sociedade a favor da cidadania.

Além disso, evidencia-se o empenho da coordenação escolar que não mediu esforços para realizar atendimentos presenciais ou virtuais com os alunos ou seus responsáveis, uma vez que a intervenção pedagógica se caracteriza como uma ferramenta importante de recuperação escolar e apoio à comunidade. Nota-se resultados positivos com ações orientativas direcionadas de maneira coletiva e individual.

No primeiro semestre de 2021 o caderno base de atividades foi elaborado pela Secretaria Municipal de Educação do município de Campo Grande – MS. Tal medida visou uma padronização e maior organização no processo de distribuição, realização e correção

das atividades. Nesse sentido, destaca-se o Referencial Curricular Circunstancial como base para a elaboração dos materiais propostos nas aulas.

Para o ano letivo de 2021, as equipes técnicas da SEMED têm trabalhado na elaboração e na proposição de alternativas para manterem a excelência da qualidade do serviço prestado. Uma das estratégias pedagógicas implantadas é o Referencial Curricular Circunstancial, pelo qual se busca apontar caminhos possíveis de serem desenvolvidos pelos docentes, a fim de garantir a aprendizagem dos alunos, mesmo remotamente, além de levar em consideração as diferentes realidades de cada comunidade escolar. (SEMED, 2021).

AS AULAS REMOTAS DE MÚSICA

Ao início das aulas remotas, surgiram inúmeros questionamentos sobre como desenvolver o ensino de música nessas condições, principalmente no que tange aos aspectos artísticos, que necessitam essencialmente do contato humano presencial. A partir dessa nova realidade, inicia-se a busca incessante pela elaboração de aulas que fossem possíveis e que fizessem sentido em meio às condições vividas.

Como elaborar uma aula por meio de um caderno para uma criança que ainda não aprendeu a ler? Como ensinar a linguagem musical para um aluno sem o contato presencial? Perguntas como essas permearam o processo artístico-metodológico em Música da nossa unidade de ensino.

A busca por aulas mais atrativas fez com que eu buscasse novos recursos. Em prol da aproximação e um diálogo mais direto entre professor – aluno, uma das estratégias encontradas recaiu em gravar vídeos em que eu estivesse tocando instrumentos musicais, cujo repertório seria problematizado com os educandos.

O fato de o discente, assistir o seu professor de música, interpretando uma composição musical, favorece a aproximação e maior vínculo com sua escola. A internet está cheia de aulas fantásticas, no entanto, a busca pela produção de aulas autorais visou esta aproximação, a fim de criar um laço de pertencimento. Conforme aponta SILVA (2018), é importante que o docente promova estratégias de reconhecimento e de pertença com a comunidade escolar:

[...] os espaços escolares deverão orientar os alunos dentro de uma lógica que leve em consideração a relação subjetividade-objetividade dentro da sociedade, pois, para que o alunado sinta-se realmente pertencente a um grupo escolar, não basta concedê-lo a ele uma matrícula ou um uniforme faz-se fundamental promover a inclusão deles no grupo escolar. (SILVA, 2018, p.131).

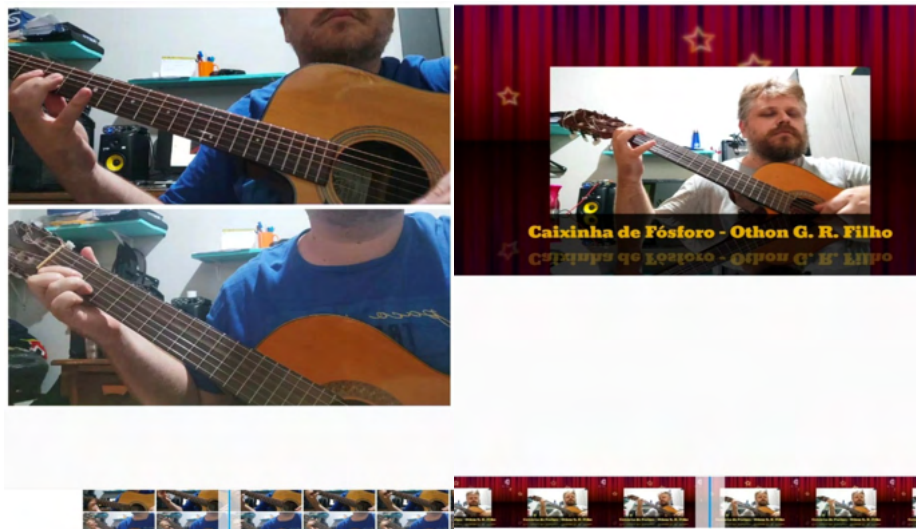


Imagem 1– Gravação e compartilhamento de vídeos nas aulas remotas.

Fonte: Acervo pessoal do autor.

O conteúdo musical é amplo e as dimensões do conhecimento percorrem campos da escrita musical tradicional e alternativa, dos parâmetros sonoros, da educação ambiental sonora, do folclore e de todo o conjunto comunicativo social e do histórico humano. A educação musical visa ampliar as percepções da linguagem, em especial a percepção auditiva. Compreender os parâmetros constitutivos do som contribui para a ampliação da percepção musical, liberdade de improvisação e composição, e por consequência, tais conhecimentos e práticas refletem na produção e no consumo fonográfico. Vale destacar que a metodologia utilizada nas aulas remotas visou atender os pressupostos acima destacados, além de desenvolver o lado humano, por meio de uma proposta baseada na vivência da realidade. Por isso, o intuito era que as aulas fugissem de foco puramente conteudista.

No mais, o estudo do ambiente sonoro é de extrema importância para o ensino regular de música. Ampliar a compreensão dos sons e ruídos cotidianos contribui para um comportamento mais saudável nos hábitos diários. Ter ciência do cuidado com o volume sonoro permite a construção de um ambiente mais agradável e nos faz refletir sobre quais comportamentos devemos cultivar para uma melhor saúde auditiva e suas respectivas consequências para o bem-estar cotidiano. Segundo Schafer (1991), devemos nos atentar para o aumento significativo de sons do nosso ambiente sonoro.

Hoje, em todos os lugares do mundo, a paisagem sonora está mudando. Os sons estão se multiplicando ainda mais rapidamente do que as pessoas, à medida que nos rodeamos com mais e mais dispositivos mecânicos. Isso está produzindo um ambiente mais barulhento e há crescentes evidências de que a civilização moderna pode estar se ensurdecendo com ruídos. (SCHAFER, 1991, p. 15).

Dessa maneira, a proposição de atividades que estimulassem a ampliação da percepção sonora a partir de uma escuta mais atenta e refinada se fez presente nas aulas remotas de Música.

Na atividade da imagem abaixo podemos perceber o trabalho desenvolvido com as crianças a partir de três diferentes fontes de som (natural, humana e tecnológica).

SEMED
E.M Professora Ana Lúcia de Oliveira Batista

PAISAGEM SONORA

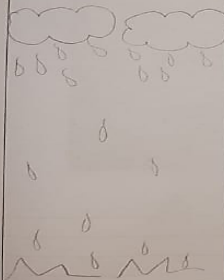


Você já parou para perceber que vivemos em um mundo rodeado de sons e imagens? A paisagem sonora é composta por diversos sons que nos rodeiam, esses sons que nos cercam fazem parte do ambiente sonoro em que vivemos.

Os sons são produzidos por diversas fontes: naturais, tecnológicas e humanas.

FONTES NATURAIS DE SOM	FONTES HUMANAS	FONTES TECNOLÓGICAS
<ul style="list-style-type: none"> • Vento; • Chuva; • Pássaros. 	<ul style="list-style-type: none"> • Fala; • Canto; • Risos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Ônibus; • Caminhão; • Automóvel.

ATIVIDADE 3

Agora que você já conhece o que é a paisagem sonora, que tal compor uma paisagem através do desenho? Desenhe de acordo com as fontes sonoras.

FONTE NATURAL	FONTE TECNOLÓGICA	FONTE HUMANA
		

65

Imagem 2 – Atividade proposta para o Fundamental 1, nas aulas remotas.

Fonte: Acervo pessoal do autor.

Salienta-se ainda que, nesse contexto de distanciamento social, visou-se valorizar aspectos da cultura afro-brasileira, da cultura indígena, da produção artística local e do contexto histórico social em que a obras artísticas musicais selecionadas estavam inseridas. Tais elementos de estudo contribuem para a ampliação da bagagem artística e na construção da identidade e do pertencimento do aluno ao meio em que está inserido. Neste contexto, compreender o cenário fronteiriço na produção artística local atuou como base de estudo desenvolvido nas minhas aulas de música no ensino regular.

Nesse sentido, segundo o professor e musicólogo HIGA (2006), entender o contexto

histórico territorial e cultural de Mato Grosso do Sul é importante para a compreensão das peculiaridades do nosso Estado.

Os ecos dessa “alma guarani” ainda estariam ressoando em Mato Grosso do Sul, palco da implantação de povoados espanhóis e das primeiras reduções jesuíticas da então província do Paraguai destruídas pelos bandeirantes paulistas no século XVII. A demarcação oficial dos atuais limites fronteiriços logo após a Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870) não foi obstáculo para as constantes migrações de paraguaios para o sul de Mato Grosso e a manutenção de um fragmentado sistema identitário na região. (HIGA, 2006, p. 143).

Sendo assim, a proposição de atividades que englobam aspectos relacionados a estas particularidades fronteiriças tornou-se tema em nossas aulas. Na imagem abaixo é possível verificar como essa temática foi abordada nas proposições de atividades musicais, em período pandêmico:

The image shows a digital document titled "MÚSICA" by Professor Douglas Marschne. It is divided into two main sections. The first section is for the song "Trem do Pantanal", which is described as a regional hymn composed by Geraldo Roca and Paulinho Simões. It includes the lyrics of the song and a link to a YouTube video. The second section is for the song "Kananciã" by the group Acaba, with a photograph of the group performing outdoors. The lyrics for "Kananciã" are also provided.

MÚSICA
Professor Douglas Marschne

A música Trem do Pantanal é considerada um hino de Mato Grosso do Sul, composta pelos músicos locais Geraldo Roca (em memória) e Paulinho Simões.

Acompanhe a letra da música "Trem do Pantanal"

Enquanto este velho trem atravessa o pantanal
As estrelas do Cruzeiro fazem um sinal
De que este é o melhor caminho
Pra quem é como eu, mais um fugitivo da guerra

Enquanto este velho trem atravessa o pantanal
O povo lá em casa espera que eu mande um postal
Dizendo que eu estou muito bem vivo
Rumo a Santa Cruz de La Sierra

Enquanto este velho trem atravessa o pantanal
Só meu coração está batendo desigual
Ele agora sabe que o medo viaja também
Sobre todos os trilhos da terra

Vamos apreciar esta bela composição musical regional?
Assista ao vídeo disponível neste link:
https://www.youtube.com/watch?v=UGr7ZJz5J7g&ab_channel=SiteProjetoSantana

MÚSICA
Professor Douglas Marschne

Grupo Acaba

O Grupo Acaba possui uma trajetória musical iniciada em 1966 que sempre teve como marca o regionalismo impresso em cada letra e melodia de suas músicas. Este grupo musical se auto define como 'defensor do Pantanal' já que a banda leva em suas composições a fauna, a flora, cultura indígena, o folclore Pantaneiro e os comportamentos típicos da região sempre evocando a preservação ambiental e a inserção social de quem nela vive.

Observe o trecho da letra da música Kananciã.

Anuanã Etó é lugar das máscaras
Maste Purú é lugar dos homens

Com jenipepo urucum pintei meu corpo
Com rabo de canastra fiz flauta

Anuanã Etó é lugar das máscaras
Maste Purú é lugar dos homens

Pra ter meu cantar
(Pra ter meu cantar)...

Nasci na terra onde o sol se levanta

Imagem 3 – Atividade proposta para turmas do 4º ano (Fundamental 1) no período de aulas remotas.

A percussão corporal se mostrou como um excelente meio de produzir música em um contexto em que os alunos estavam inviabilizados de ter acesso aos instrumentos musicais da escola. A facilidade em extrair sons com o próprio corpo contribuiu com o estudo dos elementos básicos da música: altura, duração, intensidade e timbre. A criatividade na improvisação e composição de ritmos possibilitou uma prática musical criativa e expressiva.

No artigo publicado na revista da Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM), a pesquisadora Cláudia Maria Souza Mesquita se refere aos objetivos pedagógicos do Grupo Barbatuques por meio da percussão corporal da seguinte forma:

Os principais objetivos didáticos da percussão corporal são: automatizar a rítmica, ampliar o repertório de sons corporais, produzir ritmos e melodias, incentivar a capacidade de criação musical, incentivar atitudes lúdicas e cooperativas e promover a percepção corpórea em sua globalidade. (MESQUITA, 2016, p. 50).

A partir disso, a elaboração de atividades com o intuito de desenvolver a riqueza sonora da música corporal, caracterizou-se como umas estratégias metodológicas desenvolvidas. Foram propostas dinâmicas que exploraram a extração dos timbres corporais aliadas a improvisação/criação musical.

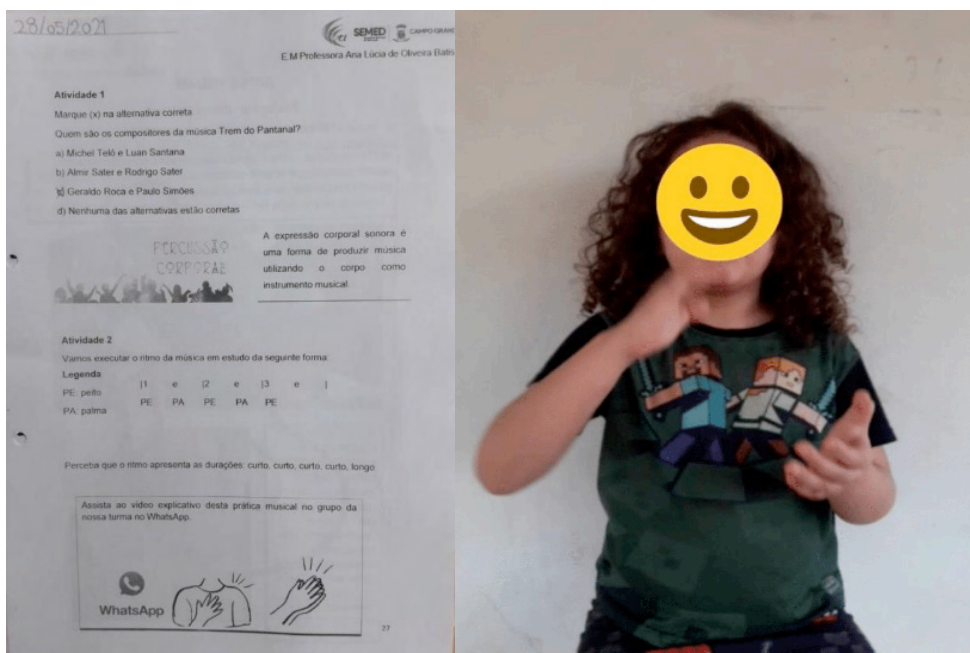


Imagem 4 – Proposta de percussão corporal para o Fundamental 1, a partir do estudo da música regional.

Fonte: Acervo pessoal do autor

Logo de início, ficou evidente que os alunos (as), sem fluência na linguagem escrita, apresentavam grande dificuldade na realização das atividades propostas. O responsável, muitas vezes, também não estava apto para ler e orientar o discente. Sendo assim, através de diálogos com o grupo escolar, surgiu a ideia para que o docente encaminhasse vídeo aulas e/ou gravação de áudios orientativos para as atividades propostas. Consta-se que esta prática facilitou muito o andamento das aulas, uma vez que, bastou o discente dar o *play* no áudio ou no vídeo para que compreendesse melhor o conteúdo desenvolvido naquela aula.

Por outro lado, o acesso aos dispositivos eletrônicos era dificultoso para muitos alunos

da nossa comunidade escolar, uma vez que a escola fica situada em uma área periférica e bastante carente da nossa cidade. Além disso, até mesmo os professores perceberam a necessidade de realizar investimentos em equipamentos eletrônicos modernos que atendessem a necessidade diária, visto que, aplicativos de edição audiovisual e softwares de produção de conteúdo exigem hardwares potentes.

Em vista disso, evidencia-se a necessidade de políticas educacionais que identifiquem e executem planos de reestruturação dos recursos tecnológicos na educação, dado que é uma necessidade cotidiana e a pandemia veio para destacar ainda mais a deficiência estrutural de acesso a esses recursos de mídias. Além disso, faz-se necessário a aplicação de recursos financeiros na disponibilização de softwares rotineiros na educação.

O trabalho escolar interno também se adaptou, reuniões pedagógicas passaram a ser transmitidas através de plataformas virtuais. Os conselhos de classe, informes pedagógico-estruturais e toda a demanda da organização interna da escola passou a ser resolvida e discutida por meio de ferramentas de comunicação digital. Esta dinâmica interativa já vinha acontecendo de maneira mais tímida antes da pandemia, no entanto o surto pandêmico intensificou de maneira considerável a utilização dos recursos digitais em prol do trabalho escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É comum ouvir de várias pessoas da cidade que os alunos ficaram sem aula durante a pandemia e que os professores estão há muito tempo sem trabalhar. Constata-se que esse tipo de discurso não é verídico, pois as informações escritas neste artigo bem exemplificam que os profissionais da educação trabalharam muito e cada qual deu o seu melhor para que o impacto à educação fosse minimizado.

Direção escolar, coordenação, docentes e todo o corpo administrativo não mediram esforços para que o ensino continuasse e, que apesar das adversidades, fosse possível o oferecimento de um material escolar de qualidade, com a mediação de todo o grupo escolar, no intuito de somar esforços e tornar possível um ensino de alto nível, em meio à pandemia. Além disso, vale destacar o apoio de muitos familiares que foram essenciais nesse processo de mediação pedagógica, para que as aulas acontecessem de maneira efetiva.

Trabalhar em casa é um hábito laborioso, percebe-se um aumento nos casos de crise de ansiedade com o número elevado de informações diárias, os compromissos burocráticos cotidianos, o isolamento social e o luto familiar, em decorrência de muitos que perderam seus entes pela COVID -19, são alguns fatores impostos pelo contexto pandêmico, que tornaram o *home office* desafiador e exigiu uma reorganização na rotina de trabalho em meio à organização do lar.

A educação é feita de desafios e a adaptação do ensino remoto proporcionou a ampliação do uso de ferramentas, antes desconhecidas, a favor do aprimoramento do

processo pedagógico. Dessa maneira, apesar de todos os desafios acima explanados, as aulas de Música em nossa escola foram possíveis e acessíveis a toda comunidade escolar. Agora, cabe a nós vencermos a COVID-19 e nos adaptarmos ao novo normal, unindo a riqueza do ensino presencial aos aprendizados advindos da experiência com o ensino remoto. Deste modo, conseguiremos lapidar cada vez mais os processos de ensino e de aprendizagem, agregando valor e reconhecimento às nossas instituições produtoras da ciência e do conhecimento.

REFERÊNCIAS

ACP, Site oficial do Sindicato Campo-Grandense dos Profissionais da Educação Pública, Mato Grosso do Sul, BR. Disponível em: <<http://www.acpms.com.br/trabalho-docente-pandemia-escancara-a-importancia-dos-profissionais-da-educacao-para-a-sociedade>>, Acesso em 10 jun. 2021.

SEMED, Site oficial de Campo Grande – MS. Disponível em: <<http://www.campogrande.ms.gov.br/cgnoticias/noticias/caderno-base-da-reme-e-complementar-as-aulas-remotas-e-atende-aos-alunos-nas-atividades-domiciliares>>, Acesso em: 10 jun. 2021.

PINHEIRO, M. A. Comunicação e imersão o problema da atenção. Lumina, Juiz de Fora - Facom/UFJF - v.4, n.2, p. 161-174, jul./dez. 2001 v. 5, n. 1, jan./jun. 2002.

SILVA, A. M. S. Sentimentos de pertencimento e identidade no ambiente escolar. Revista Brasileira de Educação em Geografia, Campinas, v. 8, n. 16, p. 130-141, jul./dez., 2018.

SCHAFER, R. M. Educação sonora: tradução de Marisa Fonterrada. Edição revisada pelo Acordo Ortográfico de Língua Portuguesa – 1990. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2009.

HIGA, Evandro. A assimilação dos gêneros polca paraguaia, guarânia e chamamé no Brasil e suas transformações estruturais. In: VII CONGRESO IASPM RAMA LATINO-AMERICANA, 2006, Havana, Cuba.

MESQUITA, Cláudia Maria Souza. Percussão corporal no ensino da música: três atividades para a educação básica. Música na Educação Básica. Londrina, v. 7, no 7/8, 2016.

BRASIL. Lei nº 9.394, de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, DF, v. 134, n.248, 23 dez. 1996. Seção 1, p. 27834-27841.

CAPÍTULO 5

A PRÁTICA DE ENSINO DA ARTE REGIONAL NO CONTEXTO PANDÊMICO DA COVID-19

Data de aceite: 24/09/2021

Jimmy Helton da Silva Cardoso

Professor de Arte- Artes Visuais da Escola de Tempo Integral Prof.^a Ana Lúcia de Oliveira Batista, Campo Grande–MS. Licenciado em Artes Visuais, Pós Graduação em Arte e Educação e Pós Graduação em Educação Especial Inclusiva pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci-Uniasselvi.

RESUMO: As imagens estão presentes em nosso cotidiano e são formas de nos comunicar e nos informar algo. Dentro do contexto pandêmico do ano de 2020, onde as aulas aconteceram de forma remota, possibilitar o acesso a obras regionais e mediar o processo de leitura dessas imagens, atuou como objetivo basilar nas aulas de Arte. Levando em conta a importância do entendimento dos códigos para a compreensão das mensagens contidas nas imagens, assim como o processo de mediação de leitura visual em contexto educacional, este artigo fundamenta-se a partir das considerações de autores como Donis Dondis (1997), Ana Mae Barbosa (2007), Paulo Freire (2001), Ferraz e Fusari (1999). Ao proporcionar aos alunos o conhecimento apreciativo das obras de arte de artistas regionais, buscou-se viabilizar aos educandos no processo de ensino e aprendizagem em Arte, a ampliação do mundo expressivo-cognitivo. Por meio da leitura da imagem, por meio da aquisição da capacidade de ver, objetivou-se proporcionar a autonomia e criticidade do educando, para julgar e interpretar uma imagem em seu âmbito

histórico, social, político e cultural.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de Arte, Processo Criativo, Arte Regional.

APONTAMENTOS INICIAIS

A presença do ensino de arte na rede básica de ensino abre um importante caminho de formação integral, não somente de números e de palavras, mas também dos aspectos visuais do mundo. No cotidiano é notório que formas, cores, sons, movimentos e texturas fazem parte do nosso entorno, da nossa vida, em distintos aspectos.

Segundo Donis Dondis (1997), a mídia em geral se preocupa em subsidiar a população com imagens para fins de divulgação de produtos e/ou ideias. A maioria das imagens de propaganda, atua como armadilha para levar intencionalmente o telespectador ao consumo. Com isso, passa a crer que realmente as mensagens transmitidas pelas imagens estão certas e precisam ser acatadas, como uma ordem. Neste caso, a imagem passa a ser o motor da conduta. Observa-se que inúmeros meios midiáticos não exercem autocritica e dificilmente abrem espaço ao diálogo com o telespectador.

Convém acrescentar que não só as imagens veiculadas nos meios de representação em movimento (cinemas, televisão ou vídeo) devem ser lidos e analisados, mas também as imagens fixas que rodeiam o nosso cotidiano. O

mundo está cheio de imagens pictóricas e, de acordo com Freire (2001), ler é muito mais do que decodificar palavras: é ler o mundo. Portanto, o estímulo para leitura de imagens diz respeito ao processo de compreender, de interpretar e de operar os mais variados códigos visuais.

Da mesma forma que aprendemos a decodificar uma linguagem verbal, ou seja, fluência de leitura de texto, é importante que também saibamos ler uma obra de arte. Se ler significa, em linhas gerais, compreender um texto, logo podemos fazer uma associação no caso das obras de arte cuja leitura implica na apropriação dos elementos visuais.

Com base na linha argumentativa, acerca da importância ao acesso de conhecimento dos códigos visuais, como processo formativo da educação dos sujeitos, apresenta-se a seguinte questão: Como trabalhar a leitura de imagens e realizar um processo profícuo de mediação em arte para alunos da rede básica de ensino em tempos pandêmicos? Como proporcionar a leitura e apreciação de obras regionais em um momento que estar dentro de casa é a melhor recomendação para conter um vírus letal ao ser humano? As respectivas questões atuaram como válvula propulsora para desenvolver uma prática de ensino e aprendizagem em uma unidade escolar situada na cidade de Campo Grande, Mato Grosso do Sul.

ARTE REGIONAL E O ENSINO REMOTO

A escolha em trabalhar com obras e artistas do Mato Grosso do Sul, foi uma das estratégias encontradas como forma de apropriação identitária e, também como maneira de trazer o mundo da vida dos alunos, para dentro de suas respectivas residências, em um momento de isolamento social.

A partir disso, foi escolhido levar alguns monumentos artísticos da cidade de Campo Grande - MS, criados por artistas regionais, para dentro da casa das crianças, por meio da apreciação e processo de criação. Importante frisar que, segundo Ferraz e Fusari (1999), para que exista a construção de práticas de ensino de arte que garantam conhecimentos estéticos, artísticos e o diálogo com as necessidades e interesses dos estudantes e de sua comunidade, há a necessidade de que o educador cultive a consciência histórica e a reflexão crítica para imbricar a prática na teoria, isto é, conhecer arte e saber ensinar arte.

O passo inicial para realizar o trabalho com a Arte Regional em período de aulas remotas, foi de elaborar atividades, cujos objetos artísticos pudessem ser retirados da cidade que vivem os alunos das três turmas do 1º ano do Ensino Fundamental I, da unidade de ensino acima mencionada. Para a elaboração das atividades foi realizada uma pesquisa acerca das proposições artísticas do nosso Estado mesmo antes de sua divisão, com o Mato Grosso. Destaca-se, então, que um grupo de artistas, liderados por Aline Figueiredo fundam a Associação de Mato Grossense de Artes (AMA) (FIGUEIREDO, 1979). A primeira exposição de pintura dos artistas mato-grossenses (1966), foi um importante marco do

núcleo da arte regional. Artistas como Humberto Espíndola, Jorapimo e Sila Passarelli, além da projeção no estado, tiveram também destaques em suas produções artísticas a nível nacional. Graças a esse movimento dos artistas locais, atualmente contamos com a presença marcante de obras regionais do abstrato ao expressionismo figurativo.

Após profunda pesquisa acerca da produção artística do nosso estado, foram selecionadas diferentes obras de arte de artistas regionais: *O Monumento Do Sobá de Cleir Ávila* (Figura 1); *Painel Onça Pintada de Cleir Ávila* (Figura 2) e *Monumento Peixe Cará* do artista Pedro Guilherme (Figura 3).

A proposta de atividades buscou atender a Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa (2007), que aborda o processo de ensino e aprendizagem em Arte a partir da leitura de imagem, contextualização histórica e produção artística. É importante destacar que a Proposta Triangular não se emprega somente às artes. O ensino elencado nessa Proposta, prevê a interligação das ações de ler, fazer e contextualizar. Essas ações propiciam o desenvolvimento das habilidades de decodificar, codificar, informar, refletir e experimentar (RIZZI, 2008), que precisam ser ampliadas nos alunos em qualquer área do conhecimento.

A partir dessa proposta, o uso das imagens no ensino remoto tem papel importante, já que elas estão cada vez mais no dia a dia das crianças, principalmente no período em que estamos vivenciando. Segundo Ana Mae Barbosa (2007), as escolas, pouco permitem atividades ligadas à apreciação artística das artes visuais, sendo as fontes de imagens mais frequentes às crianças a televisão, os cartazes das cidades, os desenhos para colorir e, na melhor das opções, os desenhos produzidos pelos próprios alunos. A autora se refere ainda que, da mesma forma que não se pode ensinar a ler sem utilizar livros, não se pode querer ensinar arte sem oferecer aos alunos as possibilidades de ver e de apreciar. A leitura de imagens e de obras artísticas é componente essencial, com a finalidade de desenvolver as competências e habilidades necessárias. A respeito do ensino em Arte, mais precisamente acerca da leitura de imagens, a autora aponta três vetores de análise que são de suma importância para o processo de mediação em arte e educação. São eles:

1. Que se o artista utiliza imagens de outros artistas, não temos o direito de sonegar estas imagens às crianças.
2. Que se preparamos as crianças para lerem imagens produzidas por artistas, as estamos preparando para ler as imagens que as cercam em seu meio ambiente.
3. Que a percepção pura da criança sem influência de imagens não existe realmente, uma vez que está provado que 82% de nosso conhecimento informal vem através de imagens. (BARBOSA, 2007, p. 20).

Os pontos acima elencados foram de grande relevância para a elaboração das atividades em período remoto. Preparar as crianças para ler as obras de artistas que representam o local em que vivem foi o caminho encontrado para, além de possibilitar um olhar sensível e crítico para o campo de Arte, contribuir para o seu reconhecimento de

pertencimento no mundo e suas bases identitárias.

AS OBRAS PARA A LEITURA

O passo inicial para realizar a experimentação com a Leitura de Imagem, foi confeccionar Cadernos de Atividades de Arte para serem trabalhados nesse período remoto. As turmas escolhidas foram do 1º ano do Ensino Fundamental I, da escola Municipal Prof.^a Ana Lúcia de Oliveira Batista. Para isso buscamos destacar os artistas regionais de Mato Grosso do Sul, apresentar a biografia e as imagens desses artistas às crianças.

Selecionamos obras de alguns artistas regionais: O Monumento “Do Sobá” de Cleir Ávila (Figura 1); Painel “Onça Pintada” (Figura 2); Monumento “Peixe Cará” do artista Pedro Guilherme (Figura 3).



Figura 1 - Monumento do Sobá, na Feira Central de Campo Grande (MS).

Foto: Valdenir Rezende / Correio do Estado.

Conhecido popularmente como o Monumento do Sobá, localizado na Feira Central de Campo Grande – MS, a obra de autoria do artista plástico Cleir Ávila, mede cerca de quatro metros e meio de altura, uma homenagem a colônia japonesa de origem Okinawa, que se tornou marca registrada em Campo Grande. Hoje o prato de macarrão que mistura a tradição japonesa com a criatividade do povo Campo-Grandense, caiu no gosto da população, tornando-se comida típica da cidade e Patrimônio Cultural Imaterial.



Figura 2 - Painel Onça Pintada Painel tem 14 X 20 e 280 m² - Campo Grande MS.

Fotos do álbum do Cleir Ávila/divulgação.

O artista plástico Cleir Ávila, também é autor do painel Onça Pintada, um dos animais símbolos do pantanal sul-mato-grossense. De acordo com as próprias palavras do artista regional, em *Vozes das Artes Plásticas* (2013, p. 157), “pintar não pertence a mim. Pertence ao meu estado de espírito”. Segundo ele, o que ajuda muito a exaltar seu estado de espírito é ter plateia. Um artista precisa de público, por isso Cleir gosta de fazer pinturas ao vivo e de grandes telas, como é o caso dos painéis em prédio. O mesmo material das telas e a mesma técnica foram transferidos para as paredes dos edifícios. O que muda é a proporção. No primeiro desafio de Cleir, a cidade de Campo Grande ganhou uma onça pintada de cerca de 50 metros de altura, estampada em 280 metros quadrado na vertical de um prédio da Capital.

Outra obra escolhida para trabalhar com os alunos foi o Monumento do Peixe Cará, do artista Pedro Guilherme.



Figura 3 - Monumento Peixe Cará 5 metros de comprimento e 2 metros de altura- Campo Grande MS.

Fonte: Acervo Pessoal.

O talento de Pedro Guilherme tomou proporções gigantescas quando o artista plástico enveredou para a escultura. Entre os principais trabalhos estão o casal de peixes localizado em frente do Lago do Amor em Campo Grande - MS e o Anfíbio Solitário, na Lagoa Itatiaia, também na mesma cidade.

Em homenagem a peixe facilmente encontrado nos rios sul-mato-grossenses a escultura do Peixe Cará é uma forma de reconhecimento da identidade pantaneira, tão marcante no estado do Mato Grosso do Sul.

RELEITURA DAS OBRAS

As três obras regionais, mencionadas acima, foram foco de estudo de arte regional no período das aulas remotas. Essa foi uma alternativa para também fazer com o que alunos tivessem contato com o espaço urbano do lugar em que vivem, em um momento em que as medidas sanitárias preconizavam a importância da permanência dentro de casa.

A primeira etapa do trabalho consistiu em momentos de contextualização, discussão e análise das obras regionais selecionadas. Foram realizadas inúmeras provocações acerca da noção de pertencimento e identificação das obras, para com os aspectos identitários dos estudantes.



Figura 4 - Releitura do Monumento “Do Sobá”.

Fonte: Acervo do autor.

As atividades foram realizadas através do olhar crítico e sensível de cada aluno, que pôde desenvolver suas habilidades para experimentar diferentes formas de expressões artísticas como: desenho, pintura e colagem.

Os educandos puderam experimentar diferentes formas de expressão artística, com a técnica da dobradura, trabalhando o lúdico e ressignificando saberes. A título de exemplo, movidos pela obra do Peixe Cará de Pedro Guilherme, o processo de criação foi possibilitado aos estudantes, à medida que não era a eles exigido a reprodução da obra do artista. Na contramão de tal abordagem, os alunos puderam criar características aos seus respectivos peixes de modo fazer desse processo um trabalho autoral e identitário.

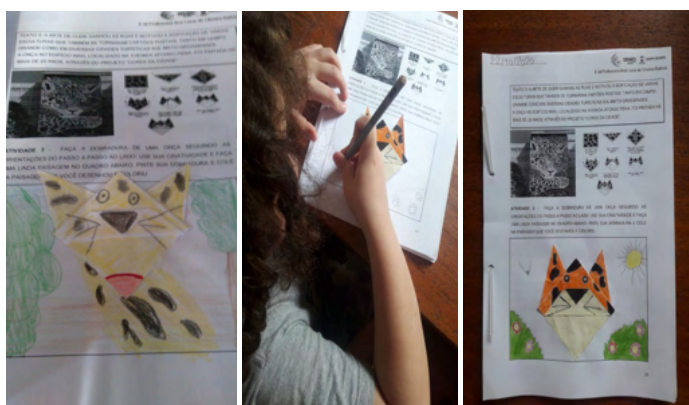


Figura 5 - Releitura do Painel “Onça Pintada” dobradura.

Fonte: Acervo do autor.

Nesta atividade, os alunos tiveram a oportunidade de realizar a releitura da obra do artista Pedro Guilherme, trabalhando o tridimensional observando suas características como altura, comprimento e a largura, também utilizaram o recorte e colagem. Após a conclusão das atividades, cada aluno nomeou sua escultura, com representatividade do seu cotidiano.

Ainda nesta atividade, a fim de proporcionar a apropriação do fazer artístico, os alunos tiveram a oportunidade de realizar a releitura da obra do artista Pedro Guilherme, trabalhando o tridimensional, atentando-se a elementos importantes da linguagem visual, tais como: ponto, linha, forma, cor e espaço. Os alunos, ao final, batizaram sua escultura de acordo com as características a ela atribuída.



Figura 6- Releitura do Monumento “Peixe Cará” escultura de papel.

Fonte: Acervo do autor.

Por fim, é importante destacar que, as atividades propostas a partir das três obras regionais, presentes na cidade de Campo Grande -MS, buscou-se possibilitar a experimentação de diferentes formas de expressão artística (desenho, dobradura, pintura, colagem, etc.) e reconhecimento de elementos constitutivos da linguagem visual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dar aos alunos a oportunidade de conhecer e identificar seus artistas locais e regionais e, valorizar a diversidade das manifestações artísticas e culturais da cidade, levando-os a um olhar mais sensível e atento aos elementos que compõem a linguagem visual, foi o objetivo basilar do trabalho desenvolvido no período de aulas remotas.

A leitura visual, como já apontada, é um processo complexo que envolve não apenas a palavra, mas a imagem dos aspectos mais diversos do mundo. Ler é muito mais que decodificar palavras: é ler o mundo. E em um mundo cheio de mensagens, a leitura envolve ler imagens. Aprender a ler e produzir imagens é uma necessidade para entender o mundo e suas complexidades.

A prática de observar e de ler as imagens, fornece leituras e compreensões que podem variar de acordo com a interpretação do leitor, suas subjetividades que dependem da bagagem vivencial de cada pessoa. Nesse sentido, a imagem passa a ser considerada um meio de informação importante e, quando assim explorada, abre espaço para o estudo de seu potencial pedagógico, ou seja, ele pode ser utilizado no processo de comunicação, além de contribuir para a formação do educando, para conviver com esse excesso de imagens diárias. Há quem erroneamente acredite que não precisamos de conhecimento formal para fazer uma leitura de imagem, mas sem esse conhecimento, a leitura se torna superficial. Desse modo, ler imagem no contexto escolar pode ajudar a ampliar o repertório imagético e o aprendizado em Arte.

Destaca-se, ainda, que os alunos puderam desenvolver as atividades de leituras de obras dos artistas regionais, além de conhecer sua história, puderam também (re)visitar suas produções artísticas que estão espalhadas em nossa cidade. O contexto Pandêmico da Covid 19 deixou muitas crianças sem o acesso físico aos museus e eventos artísticos da cidade. O ensino remoto pôde dar continuidade a esse processo de aprendizagem dos alunos, propiciando acesso a trabalhos artísticos, valorizando os artistas regionais e ofertando possibilidades de criação, através de variadas formas de expressões artísticas. Nas releituras das obras dos artistas apresentados, cada criança fez sua criação com características de sua personalidade, pois cada criança utiliza do seu imaginário, de seu desejo e de suas vivências para (re)criar a sua própria obra de arte.

REFERÊNCIAS

AUMONT, Jacques. A imagem. Campinas - SP, Papirus, 1995. 317 p

BUENO, Maria Lucia. **Leitura de imagem**. Uniasselvi, Ed, 2011.

BARBOSA, Ana. Mae. **A imagem no ensino da Arte**. São Paulo: Max Limonad, 2002.

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. A Imagem no Ensino da Arte – anos oitenta e novos tempos. 6ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2007. 130p.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria do Ensino Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília, 1997. v: Arte. Disponível em: <http://aguarras.com.br/2007/05/04/entrevista-com-rosa-iavelberg/> acessado em 21/05/2021

CARNEIRO, M. H. S. **As imagens no livro didático**, in Moreira, A. (org.). Atas do I Encontro de Pesquisa e Educação em Ciências. Águas de Lindóia, 23 a 26 de novembro, p 366-373. 1997.

DONDIS, Donis A. **Sintaxe da Linguagem Visual**. São Paulo. Martins Fontes. 1997. 236 p.

FREIRE, Paulo. **Carta de Paulo Freire aos professores**. Estudos Avançados São Paulo, v 15, nº. 42, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v15n42/v15n42a13.pdf>. Acesso em 24 05 2021

FIGUEIREDO, Aline. Artes plásticas no Centro-Oeste. Cuiabá: Edições UFMT / MACP, 1979.

FUSARI, Maria F. de Resende e.; FERRAZ, Maria Heloísa C. de T. **Arte na Educação Escolar**. São Paulo, Cortez, 1993.

RIZZI, Maria C. de Souza. Caminhos Metodológicos. In: Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte / Ana Mae Barbosa (Org.). – 4ª ed. – São Paulo: Cortez, 2008. P. 63-70.

ROSSI, Maria Helena Wagner. **Imagens que falam: leitura da arte na escola**. Porto Alegre, Mediação, 2003.

PELLEGRINE, Fabio; REINO, Daniel (Orgs). **Vozes das Artes Plásticas**. Campo Grande- MS: FCMS,2013.

SOBRE O ORGANIZADOR



FERNANDO FREITAS DOS SANTOS - Coordenador pedagógico da ETI Profa. Ana Lúcia de Oliveira Batista da rede municipal de ensino de Campo Grande, MS. Mestre em Teatro, com pesquisa em metodologia de ensino de arte/teatro, pela Universidade do Estado de Santa Catarina. Especialista em Arte e Educação pelo Instituto São Francisco de Assis e Gestão do Trabalho Pedagógico pela Faculdade Venda Nova do Imigrante. Licenciado em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Grande Dourados em período de intercâmbio na Universidad de Guanajuato, México.

SOBRE OS AUTORES



DOUGLAS MARSCHNER - Professor de Arte – Música na Escola de Tempo Integral Professora Ana Lúcia de Oliveira Batista, Campo Grande – MS. Licenciado em Música pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), possui especialização em Educação Musical e o Ensino de Artes pela Faculdade Venda Nova do Imigrante (FAVENI).



EVELLYN CARVALHO DE ALMEIDA - Professora da rede municipal de ensino em Campo Grande- MS, atuando na Escola Municipal de Tempo Integral Profa. Ana Lúcia de Oliveira Batista. Licenciada em artes cênicas pela UFGD (Universidade Federal da Grande Dourados), e especialista em arte e educação pela faculdade Campos Elíseos.



FERNANDO FREITAS DOS SANTOS - Coordenador pedagógico da ETI Profa. Ana Lúcia de Oliveira Batista da rede municipal de ensino de Campo Grande, MS. Mestre em Teatro, com pesquisa em metodologia de ensino de arte/teatro, pela Universidade do Estado de Santa Catarina. Especialista em Arte e Educação pelo Instituto São Francisco de Assis e Gestão do Trabalho Pedagógico pela Faculdade Venda Nova do Imigrante. Licenciado em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Grande Dourados em período de intercâmbio na Universidad de Guanajuato, México.



JIMMY HELTON DA SILVA CARDOSO- Professor de Arte- Artes Visuais da Escola de Tempo Integral Prof.^a Ana Lúcia de Oliveira Batista, Campo Grande–MS. Licenciado em Artes Visuais, Pós Graduação em Arte e Educação e Pós Graduação em Educação Especial Inclusiva pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci-Uniasselvi.





NATÁLIA DE ASSIS DIAS- Professora de Arte da Escola de Tempo Integral Professora Ana Lúcia de Oliveira Batista, Campo Grande – MS. Licenciada em Artes Visuais (UFMS), Pós-graduada Lato Sensu em Antropologia e História dos Povos Indígenas (UFMS); Pós-graduada Lato Sensu em Educação, Pobreza e Desigualdade Social (UFMS); Pós-graduada Lato Sensu em Mídias na Educação (UFMS); Especialista em Cultura e Criação (SENAC/MS).

POÉTICAS DE UM TEMPO PANDÊMICO:


TRAJETÓRIAS, POSSIBILIDADES E
EXPERIÊNCIAS NO ENSINO DE ARTE

Organizador: Fernando Freitas dos Santos

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Atena
Editora


Ano 2021

POÉTICAS DE UM TEMPO PANDÊMICO:


TRAJETÓRIAS, POSSIBILIDADES E
EXPERIÊNCIAS NO ENSINO DE ARTE

Organizador: Fernando Freitas dos Santos

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

**Atena**
Editora

Ano 2021